

Lêgerîn

Insistir na humanidade é insistir no socialismo

A JUVENTUDE SÉ LEVANTA!



ANTI PARTIDU LIBERAT
ARAT

PANAGUTIN
ANG LAHAT
KASAP/

ISKOLAR
BAGUHING
BUL
SIS

UNITED FOR A
BETTER KENYA.
CORRUPTION
SHOULD BE KILLED
NOT THE PEACEFUL
PROTESTORS.

PEOPLES' CARAWAN
TO DEFEND
HUMANITY

চৈতন্য আধিকার
হাজারোম রাজস্বার



04 Juventude em ação

06 O socialismo da sociedade democrática conduz à vitória

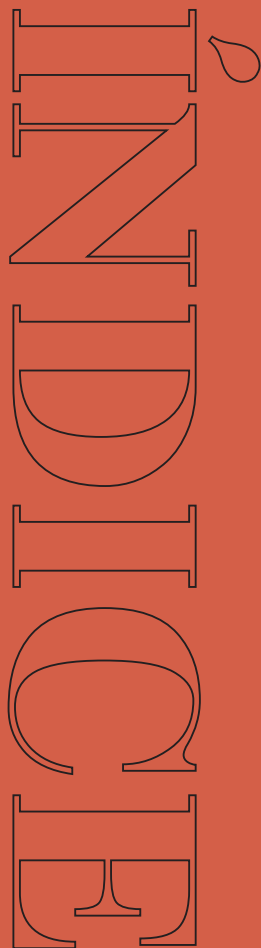
09 Além da “Geração Z”: Defendendo o espírito revolucionário da juventude

12 Dossiê: A juventude se levanta!

14 A revolta permanente

18 Poster: Protestos de jovens ao redor do mundo

Ecos da resistência 20



A comuna moderna de Paris 23

Imagine o impossível 26

Em memória de Trvko 29

Uma história de Rojava 31

Chamada para cartas 33

O que aconteceu na história? 34

Quem somos? 35

CAROS LEITORES,

Ovelho mundo está morrendo, e o novo mundo luta para nascer: agora é a época dos monstros.” Esta citação de Antonio Gramsci, de 1929, poderia ter sido escrita hoje, pois descreve com precisão a situação que enfrentamos atualmente. Tudo aponta para o fato de que a chamada ordem mundial, baseada no direito internacional, é coisa do passado. Em março, o próprio porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, reconheceu isso: “Honestamente, nem entendo como alguém pode hoje exigir que outra pessoa respeite as normas e os princípios do direito internacional. Na verdade, ele não existe mais. E que lei substituiu o direito internacional? Ninguém pode dizer ao certo neste momento...” Um discurso recente de Macron sobre armas nucleares define o princípio sobre o qual a nova ordem mundial está sendo construída: “Para ser livre, é preciso ser temido. E para ser temido, é preciso ser poderoso.” A crise existencial que o capitalismo enfrenta não lhe permite mais se esconder atrás de uma máscara. Enquanto as guerras em curso revelam abertamente essa brutalidade, os arquivos de Epstein refletem simultaneamente a natureza da mentalidade patriarcal por trás desses massacres.

Nessa escuridão, os levantes da juventude dos últimos meses são vislumbres de esperança que se espalham por todos os continentes. Esses movimentos são um chamado para retomar a iniciativa e nos libertar da paralisia na qual o sistema busca nos mergulhar. Como podemos entender esses levantes? Quais são seus pontos fortes e fracos? Quais perspectivas existem para alcançar uma mudança duradoura? Por meio desta edição, pretendemos oferecer algumas possíveis respostas a essas perguntas. O que fica

claro é que se insurgir contra o sistema não basta; também precisamos nos desvincular dele: material e mentalmente. Não podemos mais aceitar servir como soldados, operários ou burocratas para os Estados e as forças capitalistas que estão levando a humanidade à sua ruína. Devemos construir nosso próprio sistema em paralelo, colocando a liberdade das mulheres no centro.

“A concretização prática da teoria é a comunalização. Uma vida livre e digna só pode ser alcançada através da construção de comunidades em todas as esferas da vida. A verdadeira vida livre das mulheres — e, portanto, da sociedade — depende do poder construtivo das mulheres e da comunalização que elas lideram.”

Apoiamos os jovens que retornam às suas aldeias na Indonésia, aqueles que abandonam suas escolas ou locais de trabalho em protesto contra a guerra na Europa, apoiamos a Geração Z de Madagascar enquanto defendem suas conquistas arduamente alcançadas, os jovens que criam suas unidades de autodefesa em Rojava, a juventude zapatista que fortalece sua autonomia e aqueles que se preparam para embarcar novamente nas flotilhas rumo a Gaza.

Juntos, construamos a revolta permanente da juventude!

Editorial do Lêgerin

1. Mensagem de Abdullah Öcalan em 8 de março <https://english.anf-news.com/features/-84264>

EDITORIAL

JUVENTUDE EM AÇÃO

EM TODO O MUNDO, A JUVENTUDE ESTÁ A RETOMAR A INICIATIVA! AQUI COMPILAMOS ALGUMAS DAS MOBILIZAÇÕES QUE TIVERAM LUGAR ENTRE OUTUBRO DE 2025 E JANEIRO DE 2026.



CAMARÕES

Manifestações em Camarões começaram em outubro de 2025 devido a alegações de fraude eleitoral, na qual Paul Biya, presidente desde 1982, foi novamente nomeado líder do país, tornando-se o presidente mais velho do mundo. Jovens manifestantes foram às ruas para lutar contra o autoritarismo de Biya. A manifestação também exigia o fim da repressão desenfreada e da corrupção do regime.



BULGÁRIA

Protestos em massa eclodiram na Bulgária no final de novembro de 2025, quando os cidadãos se manifestaram contra a proposta de orçamento de 2026, que previa aumento de impostos e corrupção. Jovens e trabalhadores que lideraram os protestos também exigiam melhores serviços de saúde, aumento salarial e oportunidades de emprego. O projeto de orçamento foi retirado e Rosen Zhelyazkov, o então primeiro-ministro, teve que renunciar diante da força da oposição.

IRÃ

No final de 2025, protestos eclodiram no Irã, onde a população exigia que o governo combatesse a inflação. O protesto evoluiu rapidamente para uma mobilização mais ampla para derrubar o regime islâmico e acabar com o fracasso econômico do país, uma continuação dos protestos Jin, Jíyan e Azadí de setembro de 2022. Milhares de iranianos foram mortos pela polícia durante os protestos.





AÇÃO INTERNACIONALISTA POR ROJAVA

Em janeiro de 2026, Rojava enfrentou ataques do governo interino sírio, do Estado turco e do Estado Islâmico. Milhares de curdos se mobilizaram para chegar à região e a diáspora organizou protestos diários em cidades fora do Oriente Médio (por exemplo, na Europa, Canadá e Austrália) juntamente com camaradas internacionalistas. Uma ação significativa foi a Caravana Popular: um comboio de carros que, partindo do norte e do sul da Europa, chegou em poucos dias à cidade curda de Suruç, no sul da Turquia, a 5 quilômetros de Kobane, para pressionar pelo fim do cerco à cidade.

EUA

Durante meses, pessoas nos EUA protestaram contra o ICE, uma força policial cujo único objetivo é o sequestro e a expulsão de imigrantes por meio de violência e intimidação. Em 7 de janeiro de 2026, o ICE atirou e matou Renée Good enquanto ela fugia de agentes em seu carro. Após sua morte, protestos foram realizados em mais de 1.000 cidades. Desde o início de 2026, estudantes dos EUA organizaram centenas de protestos e greves escolares contra o ICE, com slogans como “O ICE se desfaz sob a resistência”, “Mantenham as famílias unidas”, “Fora ICE agora!” e “Estamos matando aula para ensinar uma a vocês”.



UGANDA

Os protestos liderados por jovens em Uganda começaram quando o presidente Yoweri Museveni decidiu concorrer às eleições nacionais de 2026, apesar de estar no poder desde 1986. Museveni e sua equipe enfrentaram uma forte reação dos jovens que reivindicavam melhores oportunidades de emprego, educação, saúde e água, infraestrutura e desmilitarização. A luta continua e representa a maior mudança no capítulo político de Uganda após 40 anos de ditadura.



Se quiseres que divulguemos as tuas ações na próxima edição, envia-nos um e-mail para legerinkovar@protonmail.com com algumas fotos e informações sobre o assunto. Os jovens de todo o mundo estão a organizar-se e a agir, junta-te a eles!

O SOCIALISMO DA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA CONDUZ À VITÓRIA



UMA MENSAGEM DE IMRALI PARA A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PAZ E SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

POR ABDULLAH ÖCALAN

Abdullah Öcalan enviou esta mensagem da ilha-prisão de Imrali para a “Conferência Internacional sobre Paz e Sociedade Democrática”, realizada nos dias 6 e 7 de dezembro de 2025 em Istambul. “Políticos, acadêmicos, jornalistas, defensores dos direitos humanos e representantes parlamentares que atuaram em diversas funções em diferentes países participaram da conferência como palestrantes ou participantes, vindos de 19 países em 5 continentes diferentes.”¹

Prezados pensadores, queridos camaradas, estimados delegados e todos aqueles que continuam acreditando que o socialismo ainda é possível; Dirijo-me a vocês hoje da Ilha de Imrali, após 26 anos de isolamento, em um momento em que um novo diálogo com o Estado sobre a questão curda, em busca da paz e de uma sociedade democrática, foi retomado. Dirigir-me a vocês, na Conferência Internacional sobre Paz e Sociedade Democrática, no caminho da reconstrução do socialismo, é significativo e importante.

Como curdos, ao longo dos 52 anos de luta do PKK, completamos nossa luta pela existência e dignidade, e agora entramos em um período no qual uma república democrática e uma sociedade democrática podem ser reconstruídas.

O PKK cumpriu sua missão histórica ao garantir a existência nacional do povo curdo, ao mesmo tempo em que...” Expondo as limitações do socialismo de Estado-nação. O socialismo do século XX emergiu como uma intervenção revolucionária negativa², mas não conseguiu apresentar uma alternativa duradoura. Na década de 1990, numa época em que a maioria das pessoas se afastava do socialismo, dediquei toda a minha vida a reconstruir essa esperança, declarando que “insistir no socialismo é insistir em ser humano”. Apesar dos enormes sacrifícios, essa luta tornou-se um legado enriquecido pela crítica teórica e prática. Honrar e assumir adequadamente esse legado exige transformar o socialismo de uma mera memória em uma força social viva, pulsante no coração do povo. A tradição socialista na história deve ser compreendida como um legado voltado para a construção da paz e de uma sociedade democrática, e o caminho a seguir reside no cumprimento das responsabilidades internacionalistas — na teoria e na prática.

Embora socialistas utópicos e marxistas tenham oferecido críticas abrangentes ao sistema hegemônico capitalista desde o século XIX, eles não conseguiram desenvolver uma linha decisiva com resultados concretos. O capitalismo atual não é mais apenas uma crise; tornou-se uma doença que ameaça a própria sobrevivência

da humanidade. O monopólio da violência na forma do Estado-nação desempenha um papel determinante nesse colapso.

Assim como o capitalismo não pode ser explicado apenas por motivos econômicos, os fracassos dos movimentos socialistas não podem ser explicados apenas por razões de repressão capitalistas. Erros históricos e contemporâneos também foram decisivos.

Minhas críticas ao marxismo devem ser compreendidas corretamente. Não culpo Marx; em sua época, a história não era tão bem compreendida quanto hoje, não havia crise ecológica e o capitalismo ainda estava em ascensão. Mesmo assim, Marx foi um pensador de profundo questionamento e coragem intelectual. Ele percebeu a importância da libertação feminina, mas a abordou superficialmente, acreditando que, uma vez superada a exploração econômica, a opressão de gênero se dissolveria naturalmente. Sua tentativa de interpretar a história social exclusivamente pela perspectiva de classe e sua análise insuficiente do Estado e do Estado-nação levaram a sérias consequências. Ao apresentar essas críticas, gostaria de sublinhar meu profundo respeito pelos esforços de Marx e não tenho dúvidas sobre sua sinceridade, e observar que distingue o marxismo do próprio Marx. Quando criticamos o marxismo e o

socialismo vigente em certas questões fundamentais, o que sentimos — como socialistas — é o espírito de autocrítica interna.

As forças anti-sistêmicas devem re-visitado o materialismo histórico de uma maneira que esteja alinhada com a realidade da sociedade humana. É essencial compreender que o capitalismo não “desceu dos céus” no século XVI; suas raízes remontam aos 10 a 12 mil anos de evolução da civilização que teve início na Baixa Mesopotâmia. Sítios arqueológicos como Göbeklitepe e Karahantepe lançam luz sobre essa origem histórica. Por essa razão, considero mais preciso definir o sistema civilizatório vigente como um “sistema de castas baseado em assassinatos sociais”. Descobertas arqueológicas e antropológicas demonstram que as castas masculinas de caçadores, por meio do desenvolvimento de técnicas de abate, suprimiram e escravizaram comunidades de clãs centradas em mulheres. Isso representa a ruptura mais profunda da história da humanidade — de fato, uma grande contrarrevolução que moldou todos os desenvolvimentos subsequentes da civilização.

Compreender o capitalismo a partir dessa longa perspectiva histórica permite uma análise muito mais reveladora. Esse sistema não apenas aprofunda as contradições sociais internas; Além disso, o capitalismo ameaça a extinção da espécie humana ao produzir armamentos químicos e nucleares capazes de aniquilar o planeta, ao poluir o meio ambiente e ao explorar as riquezas naturais, tanto acima quanto abaixo da superfície. É um dos deveres essenciais da Internacional oferecer à humanidade uma nova análise do capitalismo fundamentada nessa grave realidade.

Precisamos examinar a história dos oprimidos sob a perspectiva da comuna, que surgiu, antes de tudo, como uma forma de autodefesa que antecedeu a classe social. Isso exige que se veja as primeiras comunidades tribais como os primórdios da comuna e que se adote uma perspectiva histórica que se estenda ao proletariado contemporâneo — e a todos os grupos oprimidos.

Com base nisso, afirmamos que a história não pode ser reduzida unicamente à luta de classes. Embora a luta de classes faça parte dela, é mais preciso interpretá-la como um longo processo de relações e conflitos entre o desenvolvimento comunitário e o

burguesia, não haveria proletariado. Assim, a contradição deve ser avaliada não com uma lógica de aniquilação, mas por meio de uma perspectiva histórica transformadora.

Os avanços científicos demonstram que o método dialético permanece uma ferramenta eficaz para a análise social, desde que não seja tratado como absoluto. Nesse contexto, a atualização da dialética comuna-Estado e classe-Estado torna-se imperativa. O fracasso do socialismo real do século XX decorreu da incapacidade de interpretar corretamente essa dialética histórica: o socialismo centrado no Estado tomou o Estado, apenas para ser derrotado por ele. Ao vincular o direito das nações à auto-determinação ao Estado-nação, este ficou confinado aos limites da política burguesa. O conceito de um “Estado-nação proletário”, da mesma forma, não produziu nada além de uma reprodução da mentalidade estatista.

Interpretando corretamente essa realidade,

afirmei o seguinte: o socialismo de Estado-nação leva à derrota, enquanto o socialismo de sociedade democrática leva à vitória. Hoje, chegou a hora de avançar rumo à emancipação democrática com base no socialismo de sociedade democrática.

Nesse caminho, sigo com a convicção de que teremos sucesso na reconstrução não por meio do Estado, mas sim por meio do paradigma de uma república democrática e de uma nação democrática fundada nos princípios da liberdade feminina, da ecologia e da sociedade democrática.

Essa consciência renovou nosso movimento ideológica e politicamente, revitalizou seu dinamismo organiza-



Assembleia do Soviete de Petrogrado, 1917

anti desenvolvimento comunitário, que remonta a aproximadamente 30.000 anos.

Prevejo que esta conferência, ao dialogar com as análises teóricas aqui apresentadas, fomentará debates importantes que poderão contribuir para o desenvolvimento de uma nova perspectiva de programa e organização política. Nesse processo, o método fundamental é o materialismo dialético. Contudo, certos excessos da dialética clássica precisam ser superados. Devemos enxergar as contradições não como pólos opostos destinados a se eliminar mutuamente, mas como fenômenos sociais que também se sustentam e se moldam. Pois sem a comuna não haveria Estado; sem a

cional e aprofundou suas raízes na sociedade — permitindo-lhe desenvolver um programa socialista capaz de responder às necessidades do século.

A relação entre o socialismo democrático e o Estado também está sendo remodelada no contexto do processo de paz e resolução. Defino minha relação com o Estado como uma relação de democratização. O conceito de república democrática exige que o Estado não funcione como um poder divino acima da sociedade, mas sim como uma estrutura que opera dentro da estrutura de um contrato democrático firmado com a sociedade. Por meio de uma estratégia de política democrática, é possível promover mudanças e transformações no Estado e reconstruir a sociedade sobre fundamentos democráticos.

Fundamentar essa estratégia no direito constituirá a base duradoura da paz. O direito é um mecanismo que garante e equilibra a relação democrática entre Estado e sociedade, servindo como instrumento de prevenção da violência. Ao mesmo tempo, institucionaliza o estabelecimento, a legitimidade e a reconstrução da república democrática. Nesse sentido, um dos principais argumentos estratégicos que propus é

o conceito de integração democrática e seu arcabouço jurídico. O direito da integração democrática, no qual as normas jurídicas são reconstruídas em favor da sociedade por meio de normas individuais e universais, juntamente com direitos coletivos, deve se basear nos seguintes três princípios fundamentais:

- Uma lei para o cidadão livre
- Uma lei para a paz e a sociedade democrática
- Leis da liberdade

A lei da integração democrática não só transformará o Estado em um Estado normativo¹, como também permitirá institucionalizar as conquistas sociais, possibilitando que a sociedade realize sua liberdade. O processo “Apelo à Paz e à Sociedade Democrática”, que lancei, é em si um processo de diálogo. Em uma região como o Oriente Médio — definida por relações complexas entre etnias, religiões e seitas — muito pode ser alcançado por meio do diálogo e da negociação democrática. Além disso, acredito que um socialismo significativo pode ser organizado não por meio de um método revolucionário violento, mas por meio de um sistema positivo de construção e existência —

um sistema que se molda por meio do diálogo democrático. Sem um diálogo democrático abrangente e profundo, é difícil acreditar que o socialismo possa ser construído, ou que possa perdurar mesmo se construído.

Lênin também disse: “Sem uma democracia inclusiva e avançada, o socialismo não pode ser construído”.

Com esses pensamentos e essa determinação, desejo-lhes, mais uma vez, uma conferência bem-sucedida e estendo minhas saudações e afeto aos camaradas.

Abdullah Öcalan
06.12.2025, İmralı Island

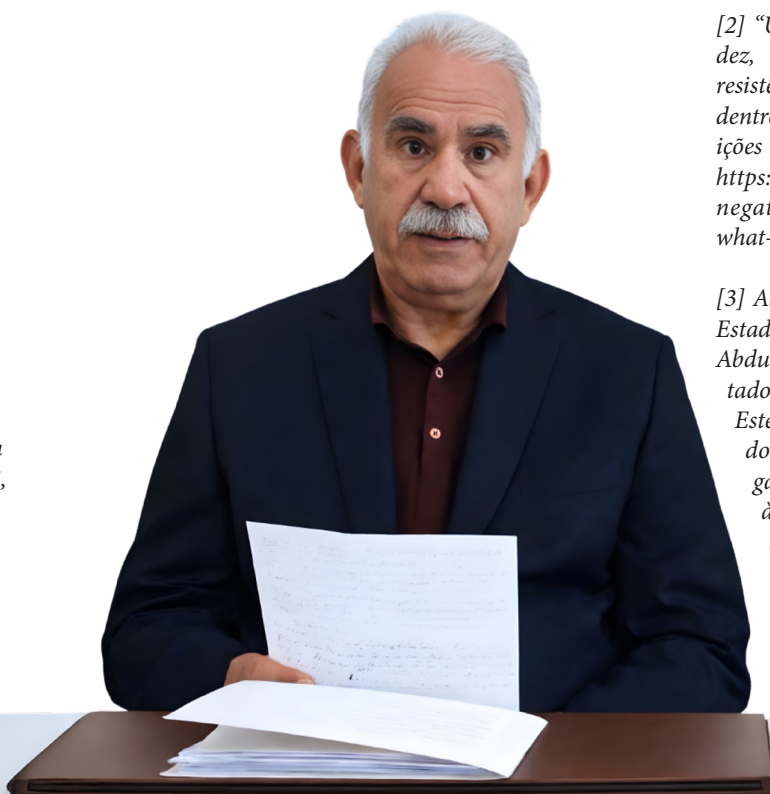


[1] *Declaração Final da Conferência Internacional sobre Paz e Sociedade Democrática* <https://www.dempart.org.tr/Images/UserFiles/Documents/Editor/2025/final-declaration-of-international-peace-and-democratic-society-conference.pdf>

[2] “Uma revolução negativa é a rigidez, as atitudes conservadoras e a resistência à mudança que emergem dentro dos próprios partidos, instituições e movimentos revolucionários.” <https://english.anf-news.com/features/negative-revolution-what-it-is-and-what-it-is-not-82505>

[3] *Abdullah Öcalan distingue entre o Estado normativo e o Estado anormal. Abdullah Öcalan distingue entre o Estado normativo e o Estado anormal. Este termo descreve as forças dentro do Estado que atuam de forma organizada e secreta, não aderindo às normas estabelecidas, ou seja, às leis e regulamentos do Estado, mas buscando seus próprios objetivos, explorando o “Estado normal” para seus próprios fins.*

Abdullah Öcalan, da ilha-prisão de İmralı, fevereiro de 2026



ALÉM DA “GERAÇÃO Z” DEFENDENDO O ESPÍRITO REVOLUCIONÁRIO DA JUVENTUDE

PERSPECTIVA DE
JOVENS MULHERES
INTERNACIONALISTAS



Geração Z, um grupo reconhecível de crianças e adolescentes que estão constantemente no centro das atenções.” Quase não passa uma semana sem que uma nova manchete nos diagnostique e estigmatize. Dizem que somos preguiçosos, frágeis e viciados em nossos celulares. O sistema dominante empreende enormes esforços para moldar e controlar nossa consciência coletiva, bombardeando constantemente a sociedade com narrativas opressivas. Essas narrativas são projetadas para nos distrair de nossa própria consciência alternativa e para nos prender ao status quo.

Qual o propósito de narrativas como a da Geração Z? Se abordarmos essas teorias não como objetos passivos de estudo, mas como jovens revolucionários, devemos nos perguntar: a categoria “Geração Z” realmente reflete nossa realidade ou é simplesmente uma ferramenta para nos confinar e limitar?

TEORIA GERACIONAL E DA GERAÇÃO Z

A teoria geracional se baseia na premissa de que a história segue um ritmo. De acordo com a teoria geracional, as sociedades se movem através de ciclos recorrentes moldados por sucessivas cortes etárias. Diz-se que cada geração desenvolve uma mentalidade distinta, formada pelas condições políticas e culturais de sua criação. À medida que uma geração envelhece e outra entra na idade adulta, uma nova fase histórica supostamente emerge. A mudança não surge como resultado de uma luta organizada, mas como o girar automático de uma roda histórica. À primeira vista, isso parece convincente. A juventude tem repetidamente estado

no centro das rupturas históricas. No entanto, a teoria geracional reduz esse papel a um ritmo estrutural. O que poderia ser uma intervenção política consciente é reformulado como o girar automático de uma roda histórica.

Dentro dessa estrutura, a “Geração Z” se refere àqueles nascidos aproximadamente entre 1995 e 2010. Somos descritos como a primeira geração totalmente digital, moldada por smartphones, mídias sociais, instabilidade econômica, crise climática e pandemias. Somos chamados de digitalmente fluentes e permanentemente conectados. Somos descritos como socialmente progressistas, preocupados com a justiça climática e a igualdade de gênero. No entanto, quando nos mobilizamos, nossa clareza é descartada como idealismo ingênuo ou extremismo. Também nos dizem que somos frágeis. A crescente ansiedade e depressão são individualizadas em vez de serem associadas à guerra, dívidas, trabalho precário e colapso ecológico. E, talvez o mais persistente, somos acusados de preguiça — como se recusar a exploração fosse um defeito de caráter em vez de uma resposta racional à injustiça sistêmica.

Superficialmente, as categorias geracionais parecem neutras. Na realidade, elas simplificam a complexidade histórica. Estruturas derivadas principalmente de contextos anglo-americanos são exportadas como modelos universais, ignorando classe, histórias coloniais e realidades políticas em todo o mundo. O resultado é a despolitização.

Se as gerações simplesmente seguem um roteiro, a juventude deixa de ser um sujeito histórico. A constante repetição de rótulos — preguiçoso, sensível, radical —

molda a autoimagem. As narrativas não apenas descrevem a juventude; elas tentam defini-la e discipliná-la.

ESPÍRITO REVOLUCIONÁRIO DA JUVENTUDE EM VEZ DE “GERAÇÃO Z”

E, no entanto, por trás dessas distorções, reside uma verdade: quando a juventude entra na história, a história se transforma. Não por causa de ciclos místicos, mas porque a juventude ocupa uma posição social distinta. Compreender a juventude como categoria social é inseparável da compreensão da história e da própria sociedade. A sociedade não é estática; ela passa por estágios de transformação. Mudança e desenvolvimento são suas características mais fundamentais. A juventude, por sua própria natureza, incorpora essa dinâmica. A juventude representa a vitalidade da natureza social. É móvel, inquietada, relutante em permanecer confinada. Busca fazer sua voz ser ouvida nos lugares mais distantes. Sua energia não se esgota facilmente. Sua atitude em relação à vida é questionadora e investigativa. O tempo da juventude é comparável à primavera no calendário sazonal. Assim como a natureza se transforma na primavera, a vida humana na juventude contém uma imensa abertura à mudança. Tudo parece possível; nada é fixo.

Mas a consciência desse papel é decisiva. Sem a consciência de sua missão histórica, a juventude pode ser absorvida e neutralizada. Uma juventude alheia à sua função social não pode ser livre ou autônoma. Uma identidade juvenil clara é, portanto, condição fundamental para uma vida livre.

As definições desenvolvidas até agora sobre a juventude, como a narrativa da Geração Z, têm sido amplamente vinculadas a papéis atribuídos pelo sistema dominante. Os governantes inventaram toda uma gama de termos — rebelde, irresponsável, apolítico, extremista, consumista — não para compreender a juventude, mas para neutralizá-la. Eles sabem tão bem quanto nós que quem conquista a juventude conquista a sociedade. Uma juventude submissa ao sistema garante o futuro do sistema, porque juventude significa futuro. Por essa razão, a juventude sempre ocupou um lugar especial nas lutas históricas. Desempenhou papéis pioneiros em momentos de desenvolvimento social. Onde as sociedades estavam abertas à mudança, em vez de se apearem à estagnação conservadora, a juventude se tornou a força de transformação mais ativa e eficaz.

Ao mesmo tempo, a história também mostra que a juventude pode ser manipulada e mobilizada para fins reacionários. Seu dinamismo pode servir à libertação ou à dominação, dependendo de seu nível de consciência e organização. Assim, a questão não é se a juventude é poderosa, mas a favor de quem esse poder se destina. Os levantes atuais — como os do Nepal, Bangladesh, Madagascar, Indonésia, Quênia, Marrocos e outros países — demonstram que a juventude continua a emergir como um ator decisivo. Jovens mulheres como Deniz Ciyar provaram isso com suas vidas. Esses levantes não são expressões de temperamento geracional. Esses „levantes da Geração Z“ são expressões de uma força social que confronta a crise estrutural inerente ao sistema atual.

Defender o espírito revolucionário da juventude significa aprofundar a organização. Levantes espontâneos revelam vitalidade, mas a transformação sustentada



requer clareza ideológica, internacionalismo, liderança democrática e um compromisso com a liberdade das mulheres como fundamento. Sem isso, a energia da juventude corre o risco de se fragmentar. Os recentes levantes da juventude — sejam eles protestos por justiça ambiental, movimentos trabalhistas ou levantes contra governos autoritários — são a prova de que a juventude mundial não está apenas respondendo a um conjunto de circunstâncias; ela está consciente e coletivamente rejeitando as narrativas que buscam defini-la. Assim, é crucial analisar o que aconteceu e extrair lições dessas revoltas, particularmente no contexto da construção de um confederalismo democrático juvenil global. Pois o poder dos movimentos juvenis é interconectado, apesar da distância geográfica.

Nesse contexto, o termo Geração Z também apresenta potencial para ressignificação: em levantes como os do Nepal e do Marrocos, ele foi apropriado para fortalecer movimentos revolucionários locais e forjar conexões com jovens em luta no mundo todo, reacendendo uma consciência juvenil internacional.

A PERSPECTIVA DA MULHER JOVEM

Nessa luta, a posição da mulher jovem é decisiva. O sistema capitalista explorador lhe atribui uma missão peculiar: não ter missão alguma. Ela é incentivada a buscar o sucesso individual, a conformidade estética e a adaptação silenciosa. Sua voz política é banalizada; sua raiva, patologizada. Contudo, no âmago da identidade da mulher jovem reside um espírito resistente e militante. Ela carrega em si não apenas a vitalidade da juventude, mas também a memória histórica da resistência feminina. Despertar esse espírito exige organização consciente.

A mulher jovem deve insistir em organizar sua educação dentro da perspectiva da Nação Democrática¹ — uma educação que fortaleça a ética coletiva, a consciência histórica e a responsabilidade política. Ela deve questionar tudo no sistema vigente: os papéis que lhe são atribuídos, às imagens que lhe são impostas, os limites que cercam seus sonhos. O questionamento, porém, não deve permanecer individual. Seu reflexo deve ser organizado. Assim, cabe à mulher jovem romper com a percepção criada pelo capitalismo sobre ela e seu povo. Ela deve desenvolver novos métodos políticos e formas de participação. Ela deve trazer sua própria criatividade e natureza revolucionária para a política como uma força determinante.

Quando a jovem se organiza, ela não se limita a se defender. Ela transforma todo o movimento juvenil. Pois, sem a liberdade das mulheres como princípio orientador, nenhum espírito revolucionário pode se sustentar. Por exemplo, a revolução sandinista na Nicarágua e a União Soviética sob Stalin demonstraram como o domínio

patriarcal dentro do movimento não apenas limitou as contribuições das mulheres, mas também minou a revolução como um todo. Nesses contextos, a recusa em elevar os papéis das mulheres dentro da revolução acabou levando ao declínio do socialismo. As lições aprendidas com esses fracassos destacam a importância de integrar a liderança feminina ao cerne das lutas revolucionárias.

A JUVENTUDE É O FUTURO

Apesar de toda a conversa em torno da Geração Z, a juventude não é apenas um dado demográfico para marketing. Não é apenas uma tendência demográfica. É a expressão mais dinâmica da capacidade de renovação da sociedade. Se a característica essencial da sociedade é a mudança, então a juventude — como a personificação da abertura à mudança — torna-se seu componente mais ativo. Como o sistema compreende nosso potencial, ele nos categoriza, crítica e humilha. Uma juventude despolitizada é a sua garantia de continuidade. Uma juventude consciente e organizada é o seu maior desafio.

Defender o espírito revolucionário da juventude é, portanto, defender o futuro. Defender o futuro exige clareza sobre quem nos define e porquê. Exige rejeitar identidades impostas e construir as nossas próprias. Exige reconhecer que a juventude, consciente do seu papel histórico, torna-se um agente de vanguarda da transformação. Não somos um arquétipo fixo num ciclo recorrente. Somos uma força viva moldada pela luta e pela organização. Não seguimos meramente o ritmo da história, temos a capacidade de o romper.

Enquanto os jovens recusarem a imagem imposta e se organizarem em torno da sua própria compreensão de liberdade, dignidade e vida coletiva, o espírito da juventude permanecerá irredutível. E enquanto este espírito permanecer consciente e organizado — especialmente através da liderança e da libertação das jovens mulheres — a juventude continuará a ser não o objeto da história, mas a sua força motriz.

[1] O conceito de Nação Democrática, proposto por Abdullah Öcalan, prevê uma sociedade onde a diversidade cultural e os princípios democráticos são abraçados por meio de governança descentralizada e autodeterminação coletiva. Ele defende a transformação do Estado-nação em um sistema baseado no confederalismo democrático, na libertação feminina e na ecologia social.



França 1968



Curdistão 2015



Peru 2025



Quênia 2025





O novo ano começa com a primavera. A nova vida começa com a juventude. A juventude é a primavera da sociedade.

- Hồ Chí Minh

A corrupção, a injustiça social, a dominação patriarcal e a repressão são apenas alguns dos inimigos contra os quais as jovens de todo o mundo têm lutado nos últimos meses. Um protesto após o outro, como elos de uma corrente, formaram uma linha que os une em todos os continentes. A bandeira pirata de Luffy, tirada do mangá japonês One Piece, vem sendo erguida em centenas de manifestações e se tornou um símbolo da unidade global da juventude.

Estamos percebendo hoje que, para alcançar a vitória, precisamos unir forças. Sabemos contra quem lutar, sabemos o que queremos destruir. E hoje, após a recente onda de protestos juvenis, também sabemos que as vitórias são possíveis.

Ainda não está totalmente nítido, no entanto, como alcançar a vitória total sobre o inimigo, como trilhar o caminho rumo a um modo de vida diferente, como construir um sistema baseado em valores éticos e quais seriam esses valores. Em resumo, como expulsar o inimigo de nossas mentes e corações. As vitórias correm o risco de serem reabsorvidas pelo sistema se não conseguirem criar novos sistemas funcionais de convivência de forma organizada e livre.

Esta edição tem como objetivo estabelecer ligações históricas entre os protestos juvenis e oferecer uma perspectiva crítica que possa nos ajudar a avançar juntas na construção das revoluções do século XXI. Como podemos tornar a **revolta permanente**? Ou, em outras palavras, como podemos garantir que não aconteça de

o ímpeto revolucionário dos jovens ser reabsorvido pelo sistema capitalista e patriarcal?

Analisaremos o contexto e a organização da **revolta juvenil queniana de 2024**, antes de recuarmos no tempo até 1968. Destacaremos as origens, o espírito e o legado da primeira **revolução liderada por jovens como jovens**, num esforço para compreender o passado a fim de interpretar o presente e construir nosso próprio futuro.

Avançando rapidamente pela história, aprenderemos sobre a **juventude de Bakur** (a região do Curdistão ocupada pela Turquia) e sua resistência diante dos ataques do Estado turco, na primavera de 10 anos atrás. Por fim, voltaremos nossa atenção para o Peru para lembrar o **camarada Trvko**, morto pela polícia aos 32 anos durante um protesto.

Dedicamos esta edição a todas as/es/os jovens que caíram na luta contra a opressão e, em particular, àqueles que foram assassinados pelo estado nos últimos meses. Assim como na Indonésia, que o assassinato de um jovem entregador pela polícia atizou as chamas da revolução, manteremos essa chama acesa em nossos corações, alimentando-a com ódio pela injustiça e amor pela vida e pela liberdade.

Esperamos que esta edição nos ajude nesse empreendimento.

Até a vitória!

A REVOLTA PERMANENTE

TRANSFORMANDO A MOBILIZAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO ATRAVÉS DA COMUNA

POR ÉMILE MARTI

Setembro de 2025, Nepal. Fumaça, gás lacrimogêneo, gritos, pedras voando, pequenos grupos de jovens se reunindo e formando uma enorme maré humana. Uma onda poderosa avança em direção ao palácio presidencial. O portão é rapidamente derrubado; alguns agitam a bandeira de “One Piece”, pessoas filmam para registrar esses momentos de alegria.

Começando na Indonésia e no Nepal em agosto de 2025, e se espalhando para as Filipinas, Madagascar, Marrocos, Peru e Bulgária, testemunhamos nos últimos meses uma nova fase na luta global da juventude. A mídia — e os próprios jovens em luta — têm falado de uma “revolta da Geração Z”. Como podemos entender essas revoltas? Que lições podemos tirar para o período que se avizinha?

Através da identidade da Geração Z, a juventude atual tem sido retratada na mídia como alienada no mundo virtual, egoísta e apolítica. Dessa forma, o sistema espera neutralizar a juventude antes mesmo que ela possa representar uma ameaça à sua existência. O objetivo é drenar seu potencial revolucionário e criar uma juventude paralisada e pacificada, incapaz de pensar ou gerar mudanças. O capitalismo busca nos domesticar para melhor nos explorar em benefício próprio, reduzindo nossas vidas a estudar, trabalhar e produzir.

Isso não é novidade: os poderosos sempre buscaram atacar e explorar a juventude, desconectá-la das gerações anteriores e tornar sua luta ilegítima. Em resposta, a juventude sempre se defendeu e continuará a se revoltar. De Katmandu a Rabat, jovens se levantaram em massa nos últimos meses, reivindicando a identidade da juventude em luta e transformando-a em uma força coletiva e unificadora.

CRONOLOGIA DE UMA NOVA ONDA GLOBAL DE JOVENS EM LUTA

Em agosto de 2018, Greta Thunberg lançou a greve climática. Em poucos meses, marchas reuniram centenas de milhares de jovens em todos os continentes. Uma nova geração foi às ruas e questionou todo o sistema. Em 2020

e 2022, os assassinatos de George Floyd e Jina Amini desencadearam movimentos de massa nos quais a juventude desempenhou um papel de vanguarda. Os slogans dessas revoltas — “Black Lives Matter” e “Jin Jiyan Azadi” — ainda ressoam nos dias de hoje.

Em 2022, os protestos do movimento “Aragalaya” (a luta) forçaram o presidente do Sri Lanka, Gotabaya Rajapaksa, a fugir após apenas algumas semanas. A juventude se revoltou contra um sistema em que os interesses familiares daqueles no poder se sobrepujam ao bem comum. Dois anos depois, em junho de 2024, a juventude queniana se insurgiu em massa contra um projeto de lei orçamentária, que acabou sendo retirado. Simultaneamente, Bangladesh se tornou o epicentro de uma revolta juvenil. Poucos meses depois, em novembro de 2024, a Sérvia entrou em erupção, com estudantes liderando um movimento de revolta em massa.

UMA ONDA VARRE A ÁSIA E CHEGA À EUROPA ORIENTAL

Mas a sequência mais recente e intensa começa em agosto de 2025 na Indonésia. Desta vez, o movimento começa no campo, onde grupos camponeses se mobilizam contra o aumento do imposto sobre a terra. Pela primeira vez, a bandeira do «One Piece» é hasteada como símbolo da revolta da «Geração Z». Se esta nova fase da luta começa na Indonésia, é no Nepal que ela atrai a atenção mundial. A contestação online da corrupção da classe dominante por parte dos jovens tornou-se demasiado disseminada, levando o governo a bloquear o acesso às principais redes sociais. Essa foi a gota d'água.

Em 8 de setembro, estudantes e jovens trabalhadores tomam as ruas e, no dia seguinte, o presidente foge; prédios oficiais e de grandes empresas são incendiados, o palácio presidencial é invadido. A intensidade da revolta espalha-se muito além das fronteiras do Nepal. Nesse momento, para os jovens de todo o mundo, a pergunta passa a ser: «Se eles conseguiram no Nepal, por que não conseguiríamos nós aqui?»

A rápida vitória no Nepal renova a confiança e a força

da juventude em todos os continentes — juventude que o sistema tentara, em vão, neutralizar. Nos dias seguintes, jovens tomam as ruas nas Filipinas, Timor-Leste, Madagascar e Marrocos. Nos meses subsequentes, a onda chega à América do Sul com levantes no Peru e à Europa com a queda do governo na Bulgária.

POR QUE A “GERAÇÃO Z” ESTÁ SE REVOLTANDO?

“O conflito de gerações pode e deve ser resolvido no conflito social; inversamente, torna-se assim um fator de movimento e progresso. As gerações jovens encontram no movimento coletivo a solução para suas dificuldades e, ao escolherem o movimento, aceleram-no.”

Albert Memmi – Retrato do Colonizado

A Geração Z é a geração mais instruída, mas também a que enfrenta os maiores índices de desemprego e endividamento. Como jovens, nos encontramos em uma posição em que construir o presente é impossível e projetar-nos no futuro parece igualmente inatingível. Desastres climáticos e guerras são realidades brutais que muitos de nós vivenciamos diretamente. Nos países do Sul Global, os jovens constituem a maior parte da população: a idade mediana no Quênia é de 20 anos, no Nepal, de 25. Anteriormente, o sistema alegava oferecer conforto material ou reconhecimento em troca de exploração. Hoje, ele já nem se preocupa com as aparências: não oferece respostas nem perspectivas para os jovens. Especialmente no Sul, o único contato com o Estado se dá por meio de sua burocracia e polícia militarizada. Para aqueles que insistem em uma vida digna, a corrupção das instituições estatais e a violência do capitalismo tornam-se insuportáveis.

As redes sociais amplificam e aceleram a forte capacidade de mobilização dos jovens — uma mobilização que transforma a raiva individual em ação coletiva nas ruas. Além dessas características específicas dessa geração, a revolta da Geração Z é a expressão mais recente da contínua luta histórica da juventude. A juventude é a parte mais dinâmica da sociedade; ela sempre desempenhou um papel de vanguarda na mudança social. Ser jovem é uma forma de encarar a vida: questionando tudo, buscando a liberdade, estando pronto para dar tudo pelas próprias ideias!

“Viver sem princípios envelhece. A juventude significa necessariamente ser forçado a viver de forma coerente. Quando eu era criança, dizia: ‘Se você vive, então ou é livre ou não é.’ Rejeitei uma vida sem liberdade.”¹

Abdullah Öcalan

DEFICIÊNCIAS A SUPERAR

A ausência de ideias claras e compartilhadas coletivamente enfraquece a Geração Z. Como uma nova geração em luta, devemos desenvolver nosso próprio modelo de vida alternativa se realmente quisermos superar a modernidade capitalista. O anarquismo, o feminismo, os movimentos de libertação nacional, o marxismo, o leninismo, o maoísmo e episódios anteriores de luta de classes criaram uma história de resistência extremamente importante. No entanto, como jovens em luta, precisamos de um pensamento adaptado ao século XXI para tornar nossas conquistas permanentes e sustentáveis.

Uma visão baseada na libertação das mulheres, na democracia participativa, na ecologia e na consciência política é uma necessidade. Sem resolver a questão patriarcal, nenhuma solução radical é possível — sendo o patriarcado a base sobre a qual todos os sistemas de poder são construídos. Diante do colapso dos sistemas vivos, um paradigma ecológico e comunitário nunca foi tão necessário.



UMA ESTRATÉGIA COMUNALISTA PARA GARANTIR A VITÓRIA

“No passado, a resistência era oferecida para derrubar o lado oposto e estabelecer o próprio domínio em seu lugar. Hoje, porém, a construção precede a resistência. Onde houver possibilidade, a construção ocorre imediatamente. Se houver um ataque, defende-se, resiste e luta quando necessário.”

Manifesto da Juventude – Movimento Revolucionário da Juventude do Curdistão

Assim como na Primavera Árabe de 2011, as revoltas da Geração Z são espontâneas e, na ausência de uma alternativa, regimes semelhantes aos derrubados retornam rapidamente ao poder. A política abomina o vácuo. Movimentos que baseiam suas esperanças de mudança unicamente no Estado são rapidamente cooptados: o sistema capitalista é organizado o suficiente para resistir a mudanças e reformas governamentais. As situações no Nepal e em Bangladesh, entre outras, demonstram isso.

Por outro lado, pensar que é possível se libertar do Estado simplesmente se insurgindo é uma ilusão perigosa. A estratégia comunalista abre um caminho entre essas duas abordagens. Nem rejeição total do Estado, nem expectativa ilusória: o foco está na sociedade e em seu autogoverno democrático.

O processo pela paz e por uma sociedade democrática, iniciado por Abdullah Öcalan na ilha-prisão de İmralı em 27 de fevereiro de 2025, é a personificação viva desse novo caminho rumo à emancipação, capaz de inspirar povos em todo o mundo. O diálogo com o Estado turco interrompeu os ataques militares e abre novas possibilidades de luta, nas quais a sociedade se envolve diretamente na construção de seu próprio autogoverno popular. Os ataques à revolução de Rojava em janeiro de 2026 demonstram a ameaça que essas ideias representam, na prática, para o sistema hegemônico.

Na Sérvia, o ressurgimento dos Zborovi — assembleias populares democráticas — juntamente com mobilizações em massa, é um exemplo importante.² Poucos dias após a queda do governo, a “Geração Z Madagascar” anunciou em sua carta que “a reforma institucional deve surgir de uma reflexão colegiada sobre um novo sistema baseado nas necessidades e aspirações coletadas das comunidades locais (fokontany/comuna)” e que um novo contrato social baseado no princípio da Fihavanana (tradição malgaxe de ajuda mútua comunitária) deveria ser desenvolvido.³

No final de fevereiro de 2026, dando continuidade aos levantes dos meses anteriores, jovens indonésios organizaram o Festival Saba Kampung, com o lema “Revitalizando a Comuna em Meio à Modernidade Imposta”. Seu primeiro objetivo: “Reabilitar os Espaços de Vida como

Ecosistemas Socioculturais Holísticos. Restaurar a função da aldeia como um espaço de vida democrático — e não apenas um local geográfico — onde as relações sociais baseadas em gotong royong (ajuda mútua), musyawarah mufakat (tomada de decisões por consenso) e respeito à diversidade (uma nação democrática) sejam praticadas ativamente.” O festival também deve “Servir como um Laboratório para Vidas Alternativas para a Juventude”.

Sempre que possível, podemos começar a construir nosso novo modo de vida a partir da base, hoje, por meio de um processo de comunalização. Levantes podem acelerar a história, mas não podem ser vitoriosos sem uma construção lenta e contínua em paralelo.

Devemos parar de nos dirigir apenas ao Estado com nossas demandas e recuperar a consciência de nossa própria



Revolta juvenil em Antananarivo, Madagascar, 11 de outubro de 2025

força como sociedade organizada.

PERSPECTIVA PARA UMA REVOLUÇÃO JUVENIL MUNDIAL

Na filosofia grega, Kairós descreve o “momento crítico”, o instante que devemos reconhecer e aproveitar quando ele chega. Também é descrito como um pequeno deus voador: quando passa diante de nós, ou não o vemos, ou o vemos e o deixamos passar, ou o agarramos e aproveitamos a oportunidade.

O ano de 2026 começou simultaneamente com o sequestro de Nicolás Maduro na Venezuela e o início de novos ataques à revolução de Rojava. Trump ameaçou invadir a Groenlândia e Cuba, e Macron declarou recentemente que o período vindouro seria “um meio século de armas nucleares”. Em 28 de fevereiro, uma nova operação militar EUA-Israel teve início contra o regime iraniano, que, enquanto escrevemos, está se transformando em uma guerra regional que afeta todos os povos do Oriente Médio. Com os EUA na liderança, as forças ocidentais declararam claramente suas intenções para o novo ano: lançar uma grande ofensiva contra todas as forças — democráticas ou autoritárias — que se recusem a submeter-se aos seus planos imperialistas.

Esta situação não demonstra a sua força, mas reflete a crise existencial que o sistema capitalista atravessa. Estes ataques também revelam o seu medo face à resistência popular. A revolta internacional da “Geração Z” criou um novo contexto: pela primeira vez desde 1968, jovens em luta em todo o mundo voltam a ter consciência de pertencerem à mesma dinâmica de revolta; reivindicam abertamente essa ligação e transformam-na numa força. Não podemos deixar escapar esta oportunidade. A ideia de um confederalismo democrático mundial da juventude pode transformar esta consciência coletiva juvenil numa força organizada.

Combinando a construção comunalista de base, a confederação de todas as iniciativas existentes num sistema alternativo e o internacionalismo entre a juventude de todos os continentes, podemos tornar-nos uma força capaz de intervir e pôr fim à guerra mundial em curso!



Encontro «Zborovi» em Novi Sad, Sérvia, março de 2025

- [1] <https://internationalistcommune.com/youth-means-understanding-text-by-abdullah-ocalan/>
 [2] Zborovi, Conselho de Democracia Direta, Sérvia: <https://berlingazette.de/the-politics-of-zborovi-councils-direct-democracy-and-the-specters-of-revolution-in-the-balkans/>
 [3] Carta da Geração Z de Madagascar: Carta da Geração Z de Madagascar: <https://drive.google.com/file/d/1f700Tl3kP7Snl-NvxEXQwkasmrSJdHP0o/view>

PROTESTOS DE JOVENS AO REDOR DO MUNDO

Hungary 2026

Após os escândalos de abuso infantil e outros envolvendo o presidente Viktor Orbán, a juventude exigiu sua renúncia por meio de mobilizações em massa.

Sérvia 2024

Após o desabamento de uma estação ferroviária, jovens exigiram responsabilização e o fim da corrupção governamental por meio de protestos em massa e bloqueios.

Peru 2025

Após os protestos contra o governo em 2022 e 2023, e mesmo com o novo presidente, a crise política persistiu, marcada pela corrupção e reformas injustas. Os jovens se insurgiram novamente, o que foi respondido com violência policial em larga escala contra jovens homens e mulheres.

Bulgária 2025-2026

A "Geração Z" na Bulgária exigiu com sucesso a renúncia do governo e protestou contra a corrupção e os aumentos de impostos previstos para 2026.

Maroccos 2025

Em resposta à priorização, por parte do governo, de gastos com eventos esportivos em detrimento de estruturas sociais, educacionais e de saúde, o movimento „Gen Z 212" organizou grandes protestos. Os protestos ganharam proporções ainda maiores após a morte de oito mulheres durante o parto em um hospital.

Togo 2025

Jovens expressaram preocupação com uma nova lei que permite ao presidente permanecer no poder indefinidamente. Além disso, a prisão de um rapper alimentou a indignação, somando-se à persistente incapacidade do governo de gerar empregos e garantir condições básicas de vida para a população. Os protestos foram reprimidos com violência pelos militares, que balearam jovens de 13 e 15 anos.

Estes são apenas alguns dos movimentos juvenis que começaram nos últimos quatro anos.

Nos últimos anos, também houve levantes juvenis na Tailândia, Nigéria, Moçambique, Camarões, Mongólia, Malásia, França, Maldivas, Paraguai, México e muitos outros países...



Sri Lanka 2022

A juventude do Sri Lanka derrubou o governo e liderou protestos contra a corrupção, a instabilidade econômica e o nepotismo.

Irã 2022

Após o cruel assassinato de Jina Amini pela polícia, mulheres jovens, em especial, foram às ruas e resistiram ao opressivo sistema islâmico iraniano.

Nepal 2025

A revolução juvenil incendiou o parlamento em setembro, inspirando muitas outras ondas de levantes juvenis ao redor do mundo. O motivo da revolta foi a corrupção, o nepotismo e a proibição das redes sociais.

Philippines 2025-26

Against the corruption and mismanagement of flooding crisis by the government, the youth is still organizing big marches.

Indonésia 2025

Os protestos generalizados da juventude contra o governo, seu sistema econômico e a brutalidade policial levaram à revisão das políticas e leis capitalistas injustas pelo presidente Prabowo Subianto.

Timor-Leste 2025

Logo após os protestos no Nepal, os jovens de Timor-Leste levaram sua indignação contra o enriquecimento ilícito do governo às ruas.

Quênia 2024

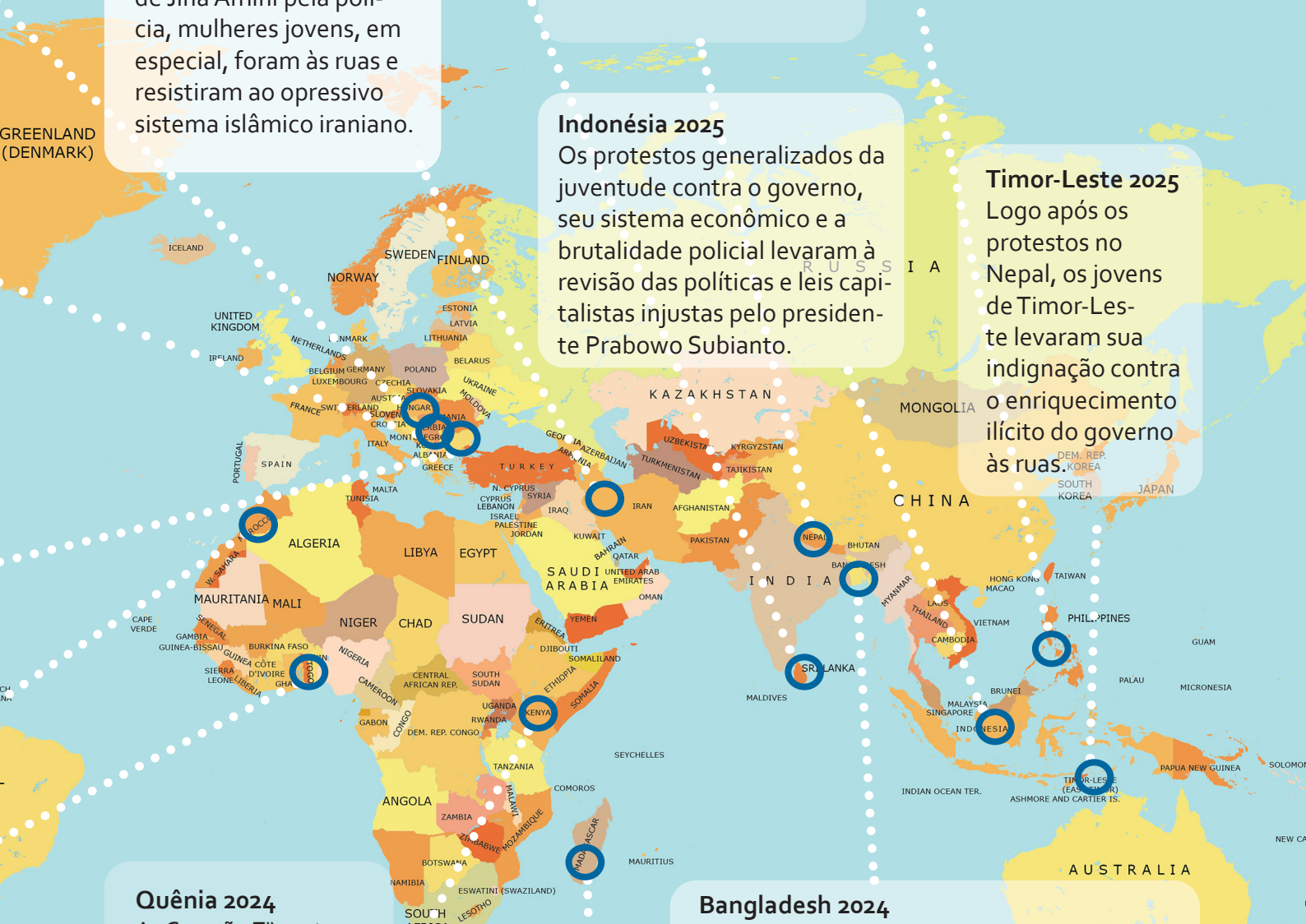
A „Geração Z” protestou contra um projeto de lei orçamentária que previa aumento de impostos para pagar a dívida. Graças ao impacto dos levantes da juventude, o projeto foi revogado. Os protestos foram reprimidos com violência policial, deixando muitos feridos e muitos mortos.

Bangladesh 2024

Em julho, os jovens de Bangladesh se levantaram, derrubaram o regime autoritário e se opuseram ao sistema de cotas para empregos. O regime respondeu com um massacre de jovens manifestantes.

Madagascar 2025

A „Geração Z” conseguiu derrubar o governo malgaxe devido à insatisfação com a corrupção e as más condições de vida no país. Em resposta, muitos manifestantes foram mortos.



ECOS

DA RESISTÊNCIA

UMA HOMENAGEM ÀS VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA ESTATAL NO QUÊNIA

POR GATHANGA NDUNGU

Escrito por Gathanga Ndung'u, organizador comunitário e ativista do Centro de Justiça Social de Mathare (MSJC) e organizador político da Liga Socialista Revolucionária - África (RSL).

O Quênia conquistou sua independência em 1963. A tão esperada soberania, porém, nunca se concretizou, pois os instrumentos da emancipação econômica, como terras e indústrias, permaneceram nas mãos das potências coloniais, juntamente com seus protegidos locais, a classe compradora, liderada pelo primeiro presidente, Kamau Wa Ngegi (também conhecido como Jomo Kenyatta). Essa traição ocorreu após uma das lutas de libertação mais sangrentas da África, travada pelo Exército da Terra e da Liberdade do Quênia (KLFA), também conhecido como Mau Mau, contra o governo britânico de 1952 a 1963. Até hoje, a terra e outros recursos permanecem concentrados nas mãos de algumas elites políticas e seus aliados, criando uma sociedade extremamente desigual.

Os protestos de junho de 2024 não surgiram do nada. O Projeto de Lei de Finanças de 2024 foi apenas o estopim de mais de 120 anos de repressão socioeconômica e política sistêmica no Quênia. Como quenianos, o dia 25 de junho de 2024 ficará para sempre gravado em nossos corações e mentes. É uma marca indelével que personificará para sempre a coragem dos jovens quenianos que assumiram a responsabilidade de mudar o rumo da nossa história como país. Os jovens se depararam com um mercado de trabalho em declínio, promessas não cumpridas e a implementação de políticas neoliberais antipopulares. Além disso, testemunharam má administração e corrupção, desrespeito flagrante à Constituição e às leis, e um desperdício desenfreado e sem precedentes dos recursos nacionais, juntamente com a ostentação desenfreada de riqueza por parte de funcionários públicos e da classe política. Os jovens não viam esperança no „Sonho do Empreendedor“.¹

O que começou como descontentamento e preocupações dos cidadãos com o orçamento anual, que buscava arrecadar US\$ 2,7 bilhões e x - tras em impostos, e oposição a projetos de lei draconianos e opressivos, como o Projeto de Lei de Sementes de 2024, que criminalizava o compartilhamento de sementes nativas, entre outras questões, transformou-se em resistência popular, apoiada por quenianos de diferentes classes sociais, etnias, creanças e gerações.

#Ruto
Must Go

Os protestos de 6 de junho foram iniciados por membros do Movimento por Justiça Social e outros organizadores e ativistas de diferentes organizações que invadiram os portões da Assembleia Nacional – o braço legislativo do governo queniano – para exigir a rejeição integral do Projeto de Lei de Finanças de 2024. Os manifestantes pacíficos, que estavam „armados“ apenas com garrafas de água, apitos e cartazes, foram recebidos com brutalidade por uma força policial que prendeu dezenas deles sob falsas acusações de perturbação da ordem pública.

Isso preparou o terreno para mais protestos semanais, com o dia 18 de junho mudando o rumo dos protestos, em sua maioria pacíficos. Nesse dia, os protestos se estenderam para além das 18h, continuando noite adentro no Distrito Comercial Central (CBD) da capital, algo até então inédito. Foi durante esse protesto que uma bala da polícia atingiu o primeiro mártir político de nossa época, apesar de estar desarmado. A morte de Rex Masai, um jovem que compareceu para protestar contra o que se tornara um governo insensível, foi uma tragédia. Masai perdeu a vida para o mesmo governo que havia prometido reformar a polícia e pôr fim a essas execuções extrajudiciais intermináveis e sem sentido.

Jovem nos protestos no Quênia de 2024

Essa ação do Estado, que visava incutir medo e impedir que mais jovens se juntassem ao que se tornava uma luta popular, teve o efeito contrário e, em vez disso, levou aos protestos massivos em todo o país em 25 de junho, que mudariam a história e a trajetória política do Quênia. Sua morte deu vida às palavras inscritas no túmulo de Pio Gama Pinto – socialista queniano e primeiro mártir político assassinado pelo primeiro governo da independência em 24 de fevereiro de 1965 – “Uma luz se extinguiu. Contudo, mil faróis se erguem da fâsca que ele carregou.”

Em 25 de junho, enquanto o parlamento aprovava às pressas o controverso Projeto de Lei de Finanças de 2024 sob a influência do executivo, um movimento popular nascia nas ruas de todas as principais cidades do Quênia. Isso incluiu o quintal da casa do presidente em Eldoret, no condado de Uasin Gishu, que ele considerava sua vanguarda política.

Mais uma vez, essa postura corajosa foi recebida com uma repressão ainda mais brutal, resultando em mais de 62 mortes, seis delas em frente aos portões da Assembleia Nacional, causadas por atiradores de elite e outros agentes do Estado. Isso aconteceu depois que os jovens, heroicamente, romperam o muro do parlamento pela primeira vez na história, marchando bravamente em direção às câmaras enquanto os parlamentares corriam para se proteger. Durante a ocupação do parlamento pelos jovens, o cetro, objeto que simboliza o poder legislativo da assembleia, foi tomado. Isso se tornou um símbolo do povo re-

tomando o poder que o parlamento deveria representar. Após 25 de junho, os sequestros, desaparecimentos e torturas de muitos jovens ativistas tornaram-se mais comuns, com o Estado enfraquecido a tornar-se mais cruel nas tentativas de reprimir aqueles que eram considerados os „líderes“, „organizadores“ e „financiadores“ dos levantes.

UM PROTESTO IMPULSIONADO PELA TECNOLOGIA DIGITAL

O levante de 2024 teve muitos marcos inéditos e diversas conquistas em sua organização. Foi o primeiro protesto em escala nacional a alcançar quase todo o país. Também conseguiu romper as barreiras socioeconômicas, políticas, religiosas e étnicas que há muito tempo criam divisões na organização. Ao explorar o poder das plataformas digitais, o Estado se viu confrontado por um movimento amorfo que não conseguiu controlar. Foi batizado de „sem líderes e sem partidos“, superando as formas tradicionais de organização que giram em torno de chefes tribais e partidos políticos, facilmente comprometidos. Suas tentativas de conter a crescente onda de ativismo digital nas redes sociais fracassaram terrivelmente, já que a educação política e cívica promovida por ativistas e jovens comuns pareceu ressoar com as massas. Como resultado, o governo fracassou na guerra de propaganda contra seu povo.

Em 2024, os memes foram usados como ferramentas políticas de ativismo, ajudando a construir a massa crítica para uma „indignação nacional“ que estava ausente nos anos anteriores. Por meio desses memes que criticavam o governo, milhares de jovens foram mobilizados em todo o país através de plataformas digitais.

Desde o uso de memes, desenhos animados e caricaturas para criticar o governo e o presidente em particular, até o uso de vídeos educativos em diversas plataformas, a mídia foi traduzida para diferentes línguas étnicas para disseminar informações sobre as várias seções controversas do projeto de lei e seu impacto na Constituição. Dessa forma, os jovens conseguiram alcançar até mesmo as populações antes inacessíveis. A simplificação da Constituição em um formato compreensível para a maioria dos quenianos garantiu que as pessoas, mesmo aquelas que viviam em aldeias, entendessem como o projeto de lei afetaria seu cotidiano.

Por meio de murais, grafites, discursos, música, poesia, danças e esquetes humorísticas, a educação popular

#Reject
Finance Bill

se espalhou como fogo em palha na internet. Na prática, assembleias comunitárias, protestos locais e esforços de educação cívica e política se intensificaram em locais como matatus2 (vans de transporte público), mercados, residências e outros espaços públicos, enquanto os esforços de propaganda do governo fracassaram.

As mulheres desempenharam um papel crucial na organização das marchas contra o feminicídio, que foram os primeiros protestos em larga escala em 2024. Organizadas por jovens mulheres e meninas em diversas cidades e vilas do Quênia, essas marchas ajudaram a criar o ímpeto necessário para os protestos contra o Projeto de Lei de Finanças de 2024, que ocorreram entre junho e agosto. Em seguida, vieram os protestos das Mulheres Mau Mau3, em abril, contra os despejos ilegais em Mathare, após as devastadoras enchentes de 2024. Esses protestos foram liderados por mulheres na casa dos 80 anos que lutaram na luta pela libertação contra o Império Britânico no Quênia. Esses protestos destacaram o papel fundamental das mulheres na organização e no desenvolvimento das atividades de 2024. Durante os principais protestos, um grande número de mulheres também compareceu à linha de frente para confrontar as forças policiais estatais implacáveis.

Com esses acontecimentos, a juventude transformou o Quênia; como disse uma manifestante, „as coisas nunca mais serão as mesmas“. Surgiu uma nova mentalidade: a dos jovens que perceberam o seu poder de ação e estão prontos para moldar o seu futuro e a política do seu país.

Em 2026, os jovens continuam a se organizar e a se mobilizar. A maior parte dos esforços está sendo direcionada para ampliar a educação política e cívica para a população em geral por meio de todas as mídias. Embora os processos democráticos, como eleições e participação pública, tenham limitações, especialmente em estados neoliberais como o Quênia, houve uma grande mobilização para efetivar mudanças graduais na liderança a partir da base. Isso surgiu como uma manobra política tática de curto prazo, enquanto planejamos estrategicamente o cultivo, a longo prazo, de uma massa crítica e consciente.

EM MEMÓRIA DOS HERÓIS DOS PROTESTOS DE 2024 CONTRA O PROJETO DE LEI DE FINANCIAMENTO E DE 2025

Essas conquistas não foram isentas de contratempos e de um alto custo humano. Desde o início dos protestos, o Quênia perdeu mais de 61 vidas, mais de 72 pessoas foram sequestradas, com 29 ainda desaparecidas, 601 ficaram feridas e mais de 1.376 pessoas foram presas arbitrariamente. No ano seguinte, em 2025, quando realizamos as comemorações dos protestos de 2024, 65 pessoas foram mortas, mais de 400 ficaram feridas e mais de 26 desapareceram à força.

Essas cicatrizes continuarão a ser uma lembrança do passado sombrio e do sacrifício humano necessário para libertar nosso país das garras das forças imperialistas e de sua classe burguesa alienada, que governa desde a independência do país. Enquanto celebramos esses bravos heróis de nosso tempo por meio de murais, grafites, canções, poemas e outras formas de memorialização, o povo do Quênia continua a manter acesas as chamas da revolução. Como afirma Milan Kundera, a luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento.

A responsabilidade de imortalizar nossos mártires recai, portanto, sobre nossa geração, para garantir que haja uma homenagem coletiva aos jovens da Geração Z que tombaram, enquanto mantemos vivas suas aspirações por um país melhor. Como escreveu Frantz Fanon, cada geração deve, em meio a uma relativa obscuridade, descobrir sua missão, cumpri-la ou traí-la. Libertar o país foi e continua sendo a missão de nosso tempo como jovens quenianos, enquanto lutamos para restaurar a justiça social, a democracia e humanizar nossas vidas.

Em memória de Rex Masai Kanyike, Eric Shieni, David Chege, Denzel Omondi, Wanjiku e muitos outros quenianos que perderam suas vidas ou que foram completamente apagados pelo Estado.



[1] O sonho do empreendedor: Durante a campanha presidencial de 2022, o presidente William Ruto se apresentou como o principal empreendedor, devido à sua ascensão de uma origem humilde aos mais altos escalões do governo. O sonho do empreendedor era sua estratégia populista para atrair as massas pobres, prometendo transformar suas vidas por meio de uma economia participativa.

[2] Matatus: Veículos de transporte público compartilhados no Quênia.

[3] Mau Mau: Nome coloquial do Exército da Terra e da Liberdade do Quênia, que foi o movimento insurgente anticolonial pela independência do Quênia, de 1952 a 1963.

A Comuna Moderna de Paris

COMO A JUVENTUDE DE BAKUR SE LEVANTOU EM DEFESA DA VIDA COMUNITÁRIA

POR MARCOS PACHECO

Os fogos de artifício iluminam o céu com cores vermelhas, verdes e amarelas durante toda a noite. Nas ruas, fogueiras foram acesas por toda parte e pessoas de todas as idades se reuniram ao redor delas. Muitas dançam em círculos ao redor das fogueiras ao ritmo da música ensurdecadora que toca nos alto-falantes. Sempre que há uma pausa na música, os jovens usam suas vozes poderosas para cantar as canções, que são repetidas por todos os outros.

A maior multidão está reunida na “Mala Gel”, a Casa do Povo, que foi inaugurada recentemente. Mas os moradores do bairro a chamam, em tom de brincadeira, de “Casa de Deus”, já que, como em uma mesquita, está sempre cheia e todos entram e saem à vontade. Enquanto todas as instituições do Estado e dos partidos políticos permanecem quase vazias, as pessoas vêm aqui para resolver seus problemas, se organizar e ajudar. Tornou-se o novo coração da cidade, onde o significado de palavras como política, democracia e comunidade está sendo redefinido.

Mesmo com todo o barulho e a agitação, não se vê um único policial. Nenhum deles ousaria aparecer sem o apoio de uma enorme operação militar. Em vez disso, grupos de jovens do bairro, homens e mulheres, se revezam para guardar as barricadas que construíram nas principais vias. Seus



rostos estão escondidos por lenços estampados para proteger suas identidades, mas a empolgação e a determinação são palpáveis mesmo através deles. As senhoras mais velhas do bairro trazem comida regularmente e todos os outros abrem suas casas para que possam dormir e descansar sempre que precisarem.

Mais tarde, naquela mesma noite, os jovens se reúnem, formando uma única e enorme coluna enquanto marcham pela cidade. À medida que avançam, várias das principais vias são completamente tomadas e bloqueadas para o trânsito. Eles carregam pedras e coquetéis Molotov, que atiram em qualquer viatura policial que se atreva a se aproximar. Mais fogos de artifício explodem acima de suas cabeças enquanto uma energia elétrica passa de corpo para corpo. Nos meses que se aproximam, muitos deles cairão em batalha ou serão feitos prisioneiros nas prisões desumanas do Estado turco. Mas esta noite as ruas pertencem a eles. Aos jovens e corajosos, que carregam o sonho de todas as gerações anteriores. Esta noite, este é o seu bairro. A sua cidade. A sua terra.

UMA DÉCADA DEPOIS, AINDA OUVIMOS OS ECOS DA LUTA EM BAKUR

É 15 de agosto de 2015 na cidade de Cizre, situada no coração de Botan, uma das regiões de maioria curda que hoje é considerada parte do Estado turco. Apenas alguns dias antes, os habitantes da cidade, juntamente com os de cidades como Şirnexê, Amed e Nisêbin, anunciaram sua autogestão autônoma. Isso ocorreu após anos de negociações com o Estado turco que não conseguiram alcançar uma solução pacífica. As negociações foram interrompidas quando o governo abandonou a mesa de negociações e retomou seus ataques físicos. Embora as cidades curdas não tenham intenção de se separar da Turquia, com essa ação declaram que não reconhecem mais a autoridade do Estado para decidir seu destino e que estão retomando o controle de suas vidas. Essa busca por autonomia não surgiu do nada. Foi o resultado de anos de preparação e organização, após uma profunda transformação ideológica no Movimento de Libertação do Curdistão.

Desde o final do século XX, o movimento se afastou de suas origens marxistas-leninistas e da estratégia de libertação nacional para adotar a estratégia do Confederalismo Democrático/Socialismo da Sociedade Democrática. Inspirado pelos escritos do líder curdo e prisioneiro político Abdullah Öcalan, o movimento não busca mais «conquistar o Estado», nem espera que ele atenda às suas demandas. Mas também não tenta destruí-lo imediatamente. Em vez disso, concentra-se em organizar a sociedade fora do Estado, construindo a capacidade da sociedade de se autossustentar e permitindo que as pessoas tomem decisões sobre suas próprias vidas e resolvam problemas em conjunto. Elas ainda interagem com as instituições do Estado, mas apenas quando isso é necessário para ampliar o espaço que a sociedade tem para se organizar.

CONSTRUINDO O SISTEMA COMUNITÁRIO

Em Bakur (a parte norte do Curdistão, atualmente sob ocupação turca), esse processo teve início em 2009 com a criação de conselhos nos níveis de bairro, distrito e cidade, além da fundação de comunas nas aldeias. Nessas comunas, as pessoas participavam das decisões sobre a organização da vida e trabalhavam em conjunto com representantes de organizações políticas e da sociedade civil para tomar essas decisões. Dividiam suas atividades em diferentes comitês, responsáveis por questões sociais, políticas e ideológicas, bem como por outras relacionadas à justiça e até mesmo à diplomacia. Além disso, muitos projetos e organizações foram criados para atender às necessidades da sociedade: cooperativas de trabalhadores, iniciativas artísticas e educacionais, e organizações independentes de mulheres e jovens, entre muitas outras. Como a libertação das mulheres é um princípio



fundamental do movimento, este lutou e se organizou para que as mulheres tivessem participação e poder de decisão iguais aos dos homens, e esse esforço foi um dos seus maiores sucessos. Como parte disso, o sistema de copresidência foi implementado em todas as instituições; isso significava que cada cargo de liderança era ocupado por um homem e uma mulher em conjunto. Além disso, as estruturas autônomas femininas deram às mulheres espaço para encontrarem suas próprias perspectivas e construir seu próprio poder, fora da influência masculina. Isso deu às mulheres grande força ao participarem das estruturas mistas, permitindo que se expressassem e defendessem suas posições coletivamente.

Embora a forte repressão estatal tenha dificultado esse processo, os resultados são claramente perceptíveis na forma como grande parte da população se tornou política e socialmente ativa, influenciando a vida uns dos outros e suas comunidades. Sempre que a polícia entrava no bairro, a mensagem se espalhava rapidamente e as pessoas se mobilizavam para enfrentá-la. Cada vez que uma instituição era invadida pela polícia e os responsáveis eram presos, no dia seguinte, mais pessoas iam até lá, abriam suas portas, reabriam a instituição e continuavam seu trabalho. O povo esperava que, mais cedo ou mais tarde, acabariam na prisão, então se organizaram para transformar as prisões em academias de educação política.

Uma das principais fontes de dinamismo e energia desse processo foi o movimento juvenil. Eles são conhecidos principalmente por seu papel em protestos e ações, mas também lideraram a organização de atividades para reviver a cultura curda reprimida, para se organizarem contra

as atividades de traficantes de drogas e gangues criminosas em seus bairros e para se educarem politicamente. Os jovens tinham seus próprios conselhos autônomos, mas também participavam dos conselhos gerais para impulsionar mudanças radicais e a expansão da revolução..

A COMUNA MODERNA DE PARIS

O fim: Para sufocar a feroz resistência da juventude curda, o Estado respondeu enviando o exército às cidades, praticamente demolindo alguns bairros com seus bombardeios e tanques. Apesar disso, alguns desses jovens continuaram a resistir e conseguiram lutar por meses sob os incessantes ataques do Estado. Assim, mesmo que isso tenha sido um grande revés para a auto-organização da sociedade, os exemplos de pessoas como Şehîd

Çiyager Hêvî e Şehîd são inspiradores. Faraşîn Sidar e muitos outros que caíram como mártires nesta luta inspiram hoje uma nova geração de jovens a assumir o legado e continuar a sua luta.

E embora esta fase específica da luta possa ter chegado ao fim, o que aconteceu no Curdistão do Norte foi, na prática, uma tentativa de autogoverno popular numa escala nunca antes vista no século XXI. Porque, embora a Revolução de Rojava já tivesse ocorrido três anos antes, a situação em Bakur era muito diferente. O Estado turco não tinha entrado em colapso como na Síria, mas o movimento conseguiu, ao longo de mais de 40 anos de organização, corroer lentamente a sua legitimidade e, mais

importante, conseguiu construir uma verdadeira alternativa. Provou que este modelo e ideologia podiam funcionar num contexto moderno.

Assim como o movimento curdo começou como um pequeno grupo de jovens universitários, combinando sua profundidade ideológica com a militância da juventude, as lutas sociais do século XXI também foram definidas por grandes mobilizações populares de jovens em tempos de agitação social. Elas não estão mais confinadas às fábricas; seu principal espaço de luta é a arena pública, as praças e as cidades. Mas ainda resta a pergunta: e agora? Como podemos transformar esses levantes temporários em mudanças de longo prazo?

É aqui que a experiência em Bakur oferece lições importantes e pode nos mostrar um caminho a seguir. Os jovens de Bakur conseguiram romper o impasse em que se encontravam, presos entre a necessidade de alcançar conquistas concretas e a dificuldade de lidar com a realidade da violência estatal, sem comprometer seus ideais e objetivos socialistas. Enquanto muitos movimentos sociais se encontram presos entre a necessidade de alcançar conquistas concretas e a dificuldade de lidar com a realidade da violência estatal, os jovens de Bakur conseguiram romper esse impasse. Embora, em última análise, não tenham conseguido superar completamente todos os desafios que enfrentaram, suas conquistas demonstram que esse caminho pode oferecer esperança à atual geração de jovens que buscam uma luz para guiá-los em meio à escuridão em que o mundo mergulhou. Hoje, a luta continua em Bakur e em todas as partes do Curdistão. E cada sacrifício feito forma a base de novos avanços ideológicos e práticos que se espalham por toda parte. Assim como os eventos da Comuna de Paris abriram o período do socialismo «clássico» que durou até a queda da União Soviética, a Comuna de Bakur e a Revolução de Rojava inauguraram a luta por um novo socialismo no século XXI. Um socialismo liderado por mulheres e jovens militantes de todo o mundo, que se espalha por onde passam. E assim como a Comuna de Paris em sua época, a luta pela auto-gestão em Bakur permanece como um ponto de referência indelével a ser estudado pela juventude de hoje. **Para que as lições aprendidas com isso possam inspirar um novo ciclo de luta.**



IMAGINE O IMPOSSÍVEL

A REVOLUÇÃO DE 1968

POR TERESA COPPOLA

Quem são os jovens de 1968? Quais semelhanças existem entre aquele momento e os tempos em que vivemos hoje? Como podemos reimaginar um mundo diferente, mesmo quando parece impossível? Se observarmos a juventude ao longo da história, certamente veremos que ela representa uma parte da sociedade que impulsiona ações a longo prazo¹. Dentro dessa corrente que ainda flui hoje, queremos desvendar os mecanismos históricos que foram cruciais e que traçaram uma direção diferente. Nosso objetivo é encontrar e moldar as chaves capazes de destravar as engrenagens do nosso tempo, a fim de encontrar uma saída para o caos.

O ano de 1968 ocorre em uma conjuntura da história mundial. Após emergir devastados por duas guerras mundiais e pelo colonialismo desenfreado, os Estados-nação do mundo decidem iniciar um período de paz. Contudo, essa paz não se estendeu ao Sul global. A liberdade prometida pelo neoliberalismo obscureceu um lado do mundo como ópio e transformou o outro em um inferno na Terra. O Congo, o Vietnã e a África do Sul tornaram-se os guetos de uma sociedade rica.

A REBELIÃO DA PERIFERIA

Com a conexão entre o “Primeiro” e o “Terceiro” mundo, um novo modelo de solidariedade internacionalista se desenvolve em duas frentes estratégicas distintas. De um lado, observa-se o desenvolvimento da guerra de guerrilha anticolonial em uma era na qual a tecnologia bélica se acelera rapidamente. Do outro, há o enfraquecimento interno do capitalismo em seu âmago, por meio do desenvolvimento da consciência e da construção de um modo de vida diferente.

Nesse contexto, torna-se necessário que as vanguardas revolucionárias impulsionem a sociedade como um todo a imaginar um mundo diferente daquele oferecido pela modernidade capitalista. A prioridade reside em construir a vontade de se libertar da servidão autoimposta e em tomar consciência de viver sob o efeito do elixir da falsa liberdade do liberalismo.

O Vietnã é certamente o exemplo mais importante dessa dupla frente. De um lado, há a resistência de jovens americanos diante do recrutamento em massa. Do outro, há um movimento guerrilheiro popular que se defende contra a maior potência militar do mundo. A luta palestina pela libertação nacional torna-se um farol de esperança e atinge um ponto de virada em 1967 com a criação da FPLP e o início das operações armadas.

O vocabulário da descolonização também se dissemina dentro dos próprios Estados ocidentais. Michel Rocard, líder do Partido Socialista Unificado na França, discursa em 1966 sobre a descolonização das províncias, denunciando o desequilíbrio entre Paris e o resto do país².

Nos Estados Unidos, a luta do movimento afro-americano torna-se crucial, particularmente a do Partido dos Panteras Negras, que desde sua fundação em 1966 assume rapidamente um caráter transnacional. Os dalits oprimidos na Índia emulam a retórica dos Panteras Negras. Representantes da Frente de Libertação Nacional do Vietnã também utilizam a organização como modelo, autodenominando-se Panteras Amarelas.

O MOVIMENTO JOVEM

O ativismo que existia na Palestina, Argélia, Vietnã e América Latina espalha-se subitamente pelo mundo. Os jovens, necessários ao sistema pela sua força física no campo militar e pela sua contribuição intelectual no campo do conhecimento, rebelam-se e tornam-se o sujeito revolucionário da época. O ano de 1968 representa o culminar de um período de protestos sem precedentes que começa ideologicamente nos campi universitários da Califórnia. Espalha-se depois para a Itália, Alemanha e México, antes de encontrar a sua expressão mais forte e simbólica na França, durante os meses de maio e junho de 1968.

O aviso de Che Guevara, «Sejam realistas, exijam o impossível», ressoa por toda parte. É como se milhares de pontes estivessem sendo construídas pelo mundo. A irmandade de uma sociedade que resiste à modernidade liga todas essas lutas de forma visceral.

SSÍVEL



1968 torna-se possível graças às lutas pela descolonização, graças aos jovens de famílias operárias que ingressam nas universidades e graças às alianças entre estudantes e trabalhadores. Pela primeira vez na história, a juventude afirma abertamente sua própria identidade dentro de uma revolução, com a consciência coletiva de ser sua vanguarda.

UMA MUDANÇA DE PARADIGMA

Ocorre uma transição de uma abordagem centrada na classe para uma centrada na autonomia política e nas características morais da sociedade. A nova sensibilidade de 1968 está ligada a uma visão mais utópica do socialismo em todos os aspectos da vida. Significa tomar uma posição contra o poder e contra as autoridades que reprimem a imaginação e a liberdade.

Da revolução chinesa emerge o conceito de revolução cultural. Nesse sentido, 1968 representa um ponto de virada cognitiva, uma mudança de paradigma para toda uma geração.

Por essas razões, a onda de mudança começa nas universidades, que abrem suas portas para jovens de classes sociais menos privilegiadas. Ao longo de 1968, vemos o surgimento de comitês e assembleias gerais dentro das faculdades, abertos a qualquer pessoa disposta a participar.

No ano seguinte, em 1969, estudantes de toda a Europa abandonaram as universidades para se juntarem ao movimento operário, abrindo caminho para o desenvolvimento dos partidos e organizações políticas da década de 1970.

Durante as ocupações e mobilizações, os estudantes viveram formas de vida comunitária entre iguais. Aqui, começou a germinar a ideia de que o pessoal é político¹. Isso aconteceu por meio da tentativa de politizar novas áreas da vida e novas contradições que surgiram dos laços profundos criados durante as ocupações, greves e manifestações.

Grupo de libertação feminina marcha em protesto em apoio ao Black Panther Party, New Haven, novembro de 1969

Contra a corrupção moral do capitalismo, o objetivo passou a ser o desenvolvimento de um novo modo de vida coerente com os próprios ideais e que pudesse ser praticado ao longo do próprio caminho.

O MOVIMENTO FEMINISTA

Quando a sociedade está em movimento, os elementos que emperram as engrenagens tornam-se mais fáceis de enxergar. As mulheres que participaram do movimento social de 1968 perceberam que o maior obstáculo à libertação era a opressão de gênero que elas mesmas vivenciavam. Era a mentalidade patriarcal que existia em todos os níveis da sociedade. Elas compreenderam que a contradição entre homens e mulheres era uma fratura que atravessava todas as outras divisões sociais. A renovada consciência de serem sujeitos capazes de moldar a história conectava a libertação pessoal à libertação coletiva. As experiências pessoais das mulheres se tornavam políticas.

A participação das mulheres nos movimentos sociais se tornava um fenômeno disruptivo. Representava tanto ruptura quanto reconciliação. Era capaz de interpretar a necessidade histórica e deixar uma marca indelével, oferecendo importantes contribuições em termos de ferramentas e práticas políticas que ajudavam a superar o impasse da militância de esquerda após o declínio das ondas de protesto daquele ano.

Os feminismos negros também contribuíam para a evolução da teoria feminista porque surgiam da consciência das mulheres negras de que racismo,



sexismo e opressão de classe eram inseparáveis.

Nesse sentido, os movimentos feministas emergem vitoriosos do legado de 1968, diferentemente da maioria da esquerda extraparlamentar. Eles promovem uma cultura política de unidade na diversidade e desenvolvem a capacidade de unir diferentes lutas e identidades sem simplificar a realidade. Ao fazer isso, conseguem influenciar a sociedade global e provocar um profundo despertar da consciência.

VIRADAS DESTRUTIVAS

O sentimento de desespero e impotência criado por um mundo dividido em dois blocos, juntamente com o risco de se tornar apenas uma engrenagem na máquina capitalista, impulsiona muitas pessoas em direção a novas buscas.

A criação de subculturas e paraísos artificiais separados do resto da sociedade torna-se uma das viradas mais liberais do movimento juvenil. Permanecer à margem do sistema e de seu estilo de vida é frequentemente percebido como algo radical, mas a consequência é, muitas vezes,

o isolamento da sociedade.

Em parte devido ao distanciamento das tradições políticas do século XIX e à abertura à experimentação ideológica, o movimento juvenil de 1968 nem sempre

«Todas as resistências revolucionárias da Juventude que ocorreram ao longo da história são tratadas como um legado. Em particular, o movimento da Juventude de 1968 é definido como um legado fundamental para a própria existência, como o pilar central mais atual e como uma revolução da Juventude em cuja tradição o movimento da Juventude de hoje se insere. A intenção é desenvolver o espírito, a resistência e a rebeldia da Revolução da Juventude de 1968 na própria luta. O objetivo estratégico é impulsionar uma segunda onda do movimento juvenil de 1968»

Os Princípios do Confederalismo Democrático da Juventude
- Manifesto da Juventude



consegue reconhecer o que é produto do capitalismo e o que não é. Em estruturas organizacionais frequentemente fluidas e sem objetivos estratégicos, permanece aberta a possibilidade de ataques e marginalização perpetrados pelo próprio sistema.

Não é por acaso que grandes quantidades de drogas chegam às metrópoles ocidentais após as ondas de protestos. A heroína se espalha como uma epidemia e mata milhares de jovens que, de outra forma, poderiam ter tido o potencial de derrubar esse sistema.

NOSSA HERANÇA

Embora tenhamos crescido vivenciando a violência sistêmica, ainda somos capazes de imaginar o impossível, de nos unirmos, de desvendar contradições e de expor as conexões ocultas e os falsos mitos do sistema capitalista que se apresenta como invencível, mas que sempre foi frágil. É isso que 1968 nos ensina. Se não tomarmos consciência do nosso passado, dos jovens que, como nós, quebraram suas cabeças contra as paredes do mundo, desgastaram suas vozes gritando e se lançaram em uma sociedade que os queria em silêncio e obedientes, como poderemos superar os ataques contra nossos corações e nossas mentes hoje?

Não estamos sozinhos, nem hoje, nem na história. Há milhares de jovens que se sacrificaram para que pudéssemos estar um passo mais perto de compreender e realizar nossos objetivos.

1. O historiador Fernand Braudel vê a história através de três dimensões: uma "micro-história", o nível superficial do aqui e agora; uma história conjuntural, composta por ciclos materiais intermediários; e uma história estrutural, ou de longa duração, que é o fluxo contínuo que move e molda o que existe.

2. Para uma discussão mais aprofundada das demandas regionalistas de 1968, recomendamos o artigo "le réveil des revendications régionalistes et nationalitaires au tournant des années 1968: analyse d'une « vague » nationale" de Tudi Kernalegenn (2013)

3. A expressão se popularizou graças ao ensaio "O Pessoal é Político" de Carol Hanisch

Manifestação pela paz em Paris pelo Vietname, Bruno Barbey, maio de 1968

EM MEMÓRIA DE

TRVKO

UM ARTISTA E ATIVISTA
PELA DEMOCRACIA



Na noite de 15 de outubro de 2025, um policial infiltrado assassinou Eduardo Mauricio Ruiz Saenz, também conhecido como Trvko. Horas antes de sua morte, Trvko havia marchado com milhares de pessoas nas ruas de Lima para exigir o fim da corrupção desenfreada e da injustiça. Ele era artista, pai, irmão, filho, assassinado aos 32 anos. Com seu assassinato, ele se torna um dos mais de 50 mártires da democracia no Peru.

O QUE ACONTECEU ANTES: AS REVOLTAS DE 2022/23

Quando, em 2022, o presidente eleito Pedro Castillo, o primeiro presidente peruano de origem camponesa, foi deposto, a população, especialmente na região sul-andina, se revoltou. Bloqueios de estradas, greves e protestos por todo o país duraram meses, seguidos pela onda de repressão mais intensa e violenta que o país viu no século XXI. Quando Pedro Castillo se candidatou à presidência em 2021, grande parte da população peruana de origem camponesa — por muito tempo invisível ao longo de 200 anos de política pública republicana — se viu representada em um candidato pela primeira vez. Pessoas de comunidades remotas viajaram por horas para chegar aos locais de votação mais próximos, na esperança de que, desta vez, seu voto trouxesse mudanças reais. Assim, quando, menos de um ano depois, o Congresso decidiu ignorar o voto popular em prol de sua própria agenda, a indignação popular, especialmente nessas comunidades, foi imensa e se manifestou em meses de protestos espontâneos e bem organizados. As forças policiais e militares mataram quase 50 pessoas apenas nos meses de dezembro de 2022 e janeiro de 2023. Desde então, a queda da democracia e a ascensão do autoritarismo no Peru têm se intensificado: três presidentes diferentes em um ano, aumento da violência nas ruas e gangues de extorsão aterrorizando os trabalhadores de Lima e do norte do país, redes de narcotráfico no sul, escândalos de corrupção por todos os lados e políticos no Congresso cada vez mais distantes da população. Mauricio, como muitos, levou sua raiva às ruas em 15 de outubro, quando as federações estudantis, os sindicatos de motoristas de ônibus e outras organizações sociais convocaram uma greve nacional. Como muitos outros, ele foi assassinado por um regime neoliberal disposto a aniquilar qualquer um para se preservar.

QUANDO A REPRESSÃO ESTATAL SE INTENSIFICA, O POVO SEMPRE SE ORGANIZA.

Este sistema tem suas raízes na história do Peru. Nas décadas de 80 e 90, o país viveu uma era de terror, violência e repressão que marcou seu povo até hoje.

A população, especialmente nas áreas rurais, viu-se em meio à violência de grupos comunistas, alguns dos quais se voltaram contra a população, e à brutal repressão estatal que atacava qualquer forma de organização política ou social. As forças militares e policiais cometeram massacres e perseguiram pessoas nas universidades, aldeias camponesas, especialmente no sul do Peru, onde ocorreram a maioria dos massacres de 2022/23. A consequência foi um medo generalizado da política em qualquer forma. Com a presidência de Alberto Fujimori em 1990 e a implementação do neoliberalismo, esse medo dos movimentos e organizações políticas aumentou. Mas, como a história nos ensina, as forças democráticas sempre encontram uma maneira de se organizar.

Trvko fez parte do Movimento Hip Hop que se formou no início dos anos 2000 nos bairros de Lima. Após a experiência das décadas de 80 e 90, muitas pessoas perderam a fé no movimento de esquerda tradicional liderado por partidos e grupos comunistas. Mas a disseminação do neoliberalismo e do imperialismo estadunidense provocou uma nova onda de organização social, enraizada na criação de comunidade. No Peru, especialmente em Lima, essa onda também foi influenciada pela memória do que aconteceu sob o regime de Fujimori. Jovens dos bairros mais pobres de Lima, como Comas, San Juan de Lurigancho e San Martín de Porres, formaram coletivos e centros sociais voltados para a música hip-hop, oferecendo aos jovens uma alternativa ao ingresso na polícia ou ao envolvimento com drogas e crime organizado. Eles também se prepararam para os protestos, aprendendo a se defender da polícia e a desativar bombas de gás lacrimogêneo. Após sua morte, a mídia e a polícia tentaram pintar a imagem de um criminoso violento e viciado em drogas para distrair a população da exigência de justiça e da responsabilização do Estado pelo assassinato de Mauricio. Mas nós enxergamos através desse tipo de manipulação e manteremos viva a sua memória. Assim como todos os mártires da democracia no Peru, sabemos que eles são filhos desta terra, do seu povo.

O POVO LUTARÁ E O POVO VENCERÁ.





Uma história de Rojava

por Klara

Estas breves linhas, retiradas do diário de uma jovem internacionalista em Rojava, nos contam os primeiros momentos do avanço do HTS (Hayat Tahrir al-Sham, principal milícia jihadista que assumiu o controle de Damasco em dezembro de 2025) e do Estado Islâmico em direção à AANES (Administração Autônoma Democrática do Nordeste da Síria — estrutura de autogoverno de Rojava).

Em janeiro de 2026, após pesados ataques contra a população dos bairros de Sheikh Masqsoud e Asrafiye em Aleppo, as milícias jihadistas do governo visaram toda Rojava. Apesar de um acordo entre as forças do governo de transição sírio e as SDF (Forças Democráticas da Síria), pelo qual as estruturas militares da DAANES se realocariam para fora das áreas de maioria árabe de Deir Ez Zor, Tabqa e Raqqa, em 18 de janeiro de 2026 as milícias jihadistas atacaram toda a população civil e as estruturas militares enquanto estas evacuavam a área.

Milhares de civis foram massacrados, milhares foram sequestrados, e milhares ainda estão desaparecidos.

Naquela mesma noite, 18 de janeiro, centenas de jovens se uniram a comboios rumo à região de Heseqê para deter o avanço jihadista e defender sua terra e seu povo.

18 de janeiro de 2026

Eu e outro camarada alemão estamos dirigindo para Heseqê. Anoitece e a tensão paira no ar. O inimigo avançou até os limites da cidade e partimos para nos juntar às estruturas médicas. Apenas alguns carros seguem na mesma direção que nós. Encontramos refugiados de Tabka e de Raqqa, e famílias de Afrin que fogem das gangues que se aproximam. Analisamos a situação, trocamos conhecimentos médicos e tentamos aliviar um pouco a tensão. Parece que estamos dirigindo para dentro de uma tempestade que se avizinha, mas o entusiasmo e a tensão se alternam. Os ataques, os massacres, a questão de como estão nossos amigos nas áreas atacadas — tudo isso se alterna com uma insubmissão enraizada, uma recusa em ceder mais um metro desta revolução a essas gangues. Na minha cabeça há uma voz que não para de dizer: **“Chega. Custe o que custar, devemos fazer tudo o que pudermos para detê-los.”**

Nossas conversas giram em torno de questões médicas e nossa defesa: o que podemos esperar, ao que devemos prestar especial atenção? Quando chegamos à clínica, há um turbilhão de atividade. Pessoas feridas que passaram por cirurgia e estão em condição estável são encaminhadas para outras cidades, e ambulâncias não param de passar a toda velocidade. Somos calorosamente recebidos pelos nossos amigos e, pouco tempo depois, também ajudamos a colocar amigos

feridos nas ambulâncias. O lugar onde estamos fica perto da linha de frente, então tentamos manter o menor número possível de amigos aqui. Muitos amigos foram emboscados durante a retirada de Şedadê e Deir ez Zor. Carros continuam chegando e ajudamos onde podemos.

Após algumas horas, tudo se acalma e podemos visitar amigos das unidades militares. Conhecemos alguns deles; outros encontramos pela primeira vez. Sentamo-nos juntos com amigos da YPJ (Yekîneyên Parastina Jin — Unidades de Proteção das Mulheres), tomamos chá e nos maravilhamos com os encontros que esta revolução torna possíveis. Nós, dois internacionalistas vindos da Alemanha, nos sentamos em volta de um aquecedor com amigos árabes, assírios, armênios e curdos de todas as regiões de Rojava. Fica cada vez mais tarde: minutos de conversa, olhadas para as notícias e a vigia no telhado se alternam. Todos aguardamos ansiosamente o que as próximas horas trarão. Depois de algumas horas, o sono acaba por tomar conta. Fecho os olhos por algumas horas.



Enquanto estou no telhado da clínica, olho para o nascer do sol. Deixo meu olhar vagar, observando movimentos suspeitos e perdido em pensamentos. Vim para Rojava porque vejo seu autogoverno, sua ideologia de libertação das mulheres e a coexistência de tantos povos como um exemplo para o mundo inteiro. Para mim, Rojava é um lugar de onde a esperança brilha, como os primeiros raios de sol que atravessam as nuvens após um aguaceiro. Os ataques atuais são um ataque a essa esperança.

De longe, ouço o ronco de caças que circulam acima de nós. Aeronaves da Coalizão monitorando o traslado de combatentes do EI1. Talvez para que possam ser presos em outro lugar, talvez para que os EUA possam mais uma vez montar um exército mercenário de islamistas — quem sabe ao certo? Aperto os punhos e encaro com raiva os caças que fazem círculos. Meu amigo ao meu lado ri e me dá um tapinha no ombro. “Dev ji wan berde” (algo como “Não se preocupe com eles!”). Aceno com a cabeça e ele continua: **“Ninguém nos dará nossa liberdade; só podemos contar conosco mesmos. Na nossa força, na da sociedade e em nossas convicções.”** Sorrindo, olhamos ao redor. Veículos blindados da YPG (Yekîneyên Parastina Gel — Unidades de Proteção do Povo) e da YPJ passam, músicas revolucionárias estrondando dos alto-falantes, o vento carregando os sons até nós. Nos telhados ao redor, muitos outros amigos estão de vigia, assim como nós. Atentos, determinados, prontos.



Várias semanas já se passaram, e a vida na cidade está lentamente voltando ao normal. Várias semanas já se passaram, e a vida na cidade está lentamente voltando ao normal. Agora que o acordo de integração¹ foi concluído, todos tentam entender o que isso significará na prática, como podemos defender as conquistas da revolução e garantir que a transformação da sociedade continue. Os ataques visavam colocar os povos de Rojava e da Síria uns contra os outros; a resistência aqui, em todas as partes do Curdistão e em todo o mundo, nos deu a oportunidade de deter o derramamento de sangue por ora.

Nas últimas semanas tive a chance de conhecer muitas pessoas diferentes; juntos lutamos, choramos, rimos e sonhamos. Amizades forjadas em tempos e circunstâncias assim sempre terão um significado especial. Durante essas semanas, em que compartilhamos experiências tanto difíceis quanto descontraídas, uma coisa também ficou clara para mim. Não importa quais ataques e obstáculos ainda possam estar à nossa frente — se vivermos e nos empenharmos com esperança e determinação, então podemos criar algo maravilhoso em quaisquer circunstâncias.



[1] No final de janeiro de 2026, foi alcançado um acordo entre os EUA e o governo interino sírio para transferir milhares de combatentes do EI das prisões sírias para as iraquianas, por meio da chamada “Coalizão Global para Derrotar o ISIS” [nota dos editores].

[2] Um acordo foi alcançado no final de janeiro entre as Forças Democráticas da Síria e o Governo de Transição sírio. O acordo prevê um cessar-fogo imediato e a integração gradual das estruturas militares, administrativas e civis da administração autônoma ao Estado [nota dos editores].



CHAMADA PARA CARTAS

Prezados leitores, convidamos vocês a compartilhar suas ideias conosco!

A abordagem da nossa revista é o jornalismo de base, sempre oferecendo uma forte perspectiva ideológica. Por isso, a partir da próxima edição, começaremos a publicar as cartas que vocês nos enviarem.

Quais edições, artigos, imagens ou histórias da Lêgerîn inspiraram vocês? Quais temas vocês debateram a fundo? O que faltou? Vocês têm ideias para conteúdo, formatos ou categorias? Contem-nos também sobre suas ações, experiências recentes em seu trabalho político ou ideias que queiram compartilhar.

Se você deseja escrever uma carta para a equipe editorial para publicação na revista, envie-a para o seguinte endereço de e-mail: legerinkovar@protonmail.com.

**FAÇAM-SE
OUVIR!**



O que aconteceu na história?



4 DE ABRIL DE 2013 - ROJAVA

Em 4 de abril de 2013, as Unidades de Proteção Feminina (YPJ) foram oficialmente fundadas em Rojava, no norte da Síria, durante a fase inicial da revolução popular. O dia 4 de abril foi escolhido por marcar o aniversário do líder Abdullah Öcalan, que nasceu em 4 de abril de 1949. Surgindo como resultado de anos de organização política dentro do movimento de mulheres curdas, as YPJ formalizaram a autodefesa autônoma das mulheres. Isso ocorreu em um momento em que conflitos armados, desestabilização regional e profundas transformações sociais se desenrolavam simultaneamente. Jovens mulheres se uniram em grande número, desafiando tanto a agressão externa quanto as normas patriarcais profundamente enraizadas em sua própria sociedade, que as excluía das estruturas políticas e de defesa. Ao se organizarem independentemente das formações dominadas por homens, elas afirmaram que a libertação das mulheres não poderia ser adiada para depois da guerra ou para depois da própria revolução. A autonomia das mulheres foi definida como uma condição fundamental da transformação social, e não como uma consequência dela.

30 DE ABRIL DE 1975 - VIETNÃ



Em 30 de abril de 1975, as forças revolucionárias entraram em Saigon, capital do Vietnã do Sul, apoiado pelos EUA, marcando o colapso do regime apoiado pelos EUA e o fim de décadas de guerra. A vitória concluiu uma longa luta anticolonial que começou contra a dominação francesa e continuou sob a intervenção militar em larga escala dos EUA. O resultado não foi meramente militar. Milhões de pessoas se mobilizaram – camponeses, trabalhadores, jovens e mulheres – e trabalharam para reorganizar vilarejos e cidades em redes de resistência sustentadas. A queda da antiga capital do sul tornou-se um marco global para os movimentos anticoloniais e anti-imperialistas, demonstrando que mesmo intervenções fortemente militarizadas poderiam ser derrubadas por meio da luta popular organizada.

4 DE MAIO DE 1919 - CHINA



Em 4 de maio de 1919, mais de três mil estudantes reuniram-se na China para protestar contra o Tratado de Versalhes, que transferiu antigas concessões alemãs no país para o Japão, em vez de as restaurar à soberania chinesa. A decisão revelou a contínua subordinação da China às potências imperialistas, apesar do fim formal da Primeira Guerra Mundial. O que começou como uma manifestação estudantil expandiu-se para greves de trabalhadores e boicotes comerciais a produtos japoneses, confrontando tanto a intervenção estrangeira quanto a fragmentação política interna que deixara o país vulnerável à dominação. A juventude emergiu como uma força política decisiva. O Movimento Quatro de Maio marcou uma profunda virada no desenvolvimento da política revolucionária na China. Acelerou o crescimento do movimento comunista revolucionário, ao mesmo tempo que atraiu uma ampla gama de forças radicais, incluindo anarquistas, intelectuais, trabalhadores e mulheres que desafiaram tanto a dominação imperial quanto as hierarquias sociais arraigadas. As mulheres participaram ativamente em manifestações, organizações políticas e debates sobre emancipação social, ligando a libertação nacional à luta contra o patriarcado e as tradições feudais.

16 JUNE 1976 - ÁFRICA DO SUL



Em 16 de junho de 1976 — conhecido como o “Levante de Soweto” — milhares de estudantes negros sul-africanos se insurgiram contra a decisão do regime do apartheid de tornar o africâner uma língua obrigatória nas escolas. A política simbolizava um sistema mais amplo de dominação racial, concebido para regular a educação, o trabalho e a vida política. Quando a polícia abriu fogo contra jovens desarmados, 176 pessoas se tornaram mártires somente naquele dia. O levante se espalhou pelos bairros, à medida que estudantes, trabalhadores e comunidades organizavam resistência diante das prisões em massa e da violência estatal. O Levante de Soweto marcou um ponto de virada decisivo na luta contra o apartheid, expondo a instabilidade de um regime sustentado pela segregação racial, exploração econômica e força coercitiva.

QUEM SOMOS?

Lêgerîn é uma plataforma de mídia global criada por e para jovens revolucionários internacionalistas - unidos nas diferenças que nos aproximam. Sua postura ideológica está alinhada com o paradigma da Modernidade Democrática, desenvolvido por Abdullah Öcalan, originário da revolução em curso no Curdistão. Como o sexismo e a desvalorização das mulheres são as bases de todos os sistemas de dominação, a ideologia da Libertação das Mulheres é o fundamento de todo o nosso trabalho.

Nosso nome “Lêgerîn” é uma palavra curda que significa “buscar”, refletindo a jornada dos revolucionários em busca de um caminho para a liberdade coletiva. Também escolhemos esse nome para homenagear Lêgerîn Ciya (Alina Sanchez), da Argentina, uma inspiradora médica internacionalista e combatente das YPJ (Unidades de Proteção das Mulheres), que sacrificou corajosamente sua vida em Hassake (Rojava) em março de 2018.



Atualmente, amigos da Indonésia, Papua, Quênia, Uganda, Rojava, Europa e Abya Yala estão participando do nosso trabalho.

QUAL É O NOSSO OBJETIVO?

Como Lêgerîn, nosso objetivo é fornecer ferramentas, tanto ideológicas quanto práticas, para que jovens de todo o mundo se organizem, desenvolvam suas próprias perspectivas, autonomia e uma vida livre. Embora os jovens estejam, mais do que nunca, desempenhando um papel de vanguarda em todas as revoltas e movimentos de resistência ao redor do mundo, acreditamos que a falta de perspectivas claras e globalmente refletidas e a ausência de uma identidade comum estão impedindo esses movimentos de alcançarem vitórias maiores.

Portanto, temos três objetivos principais

- Promover o paradigma da Modernidade Democrática
- Fomentar uma revolução intelectual e cultural entre os jovens em todo o mundo
- Participar na formação de um novo Internacionalismo enraizado no Comunitarismo

QUAIS SÃO OS NOSSOS PROJETOS?


Publicamos a revista trimestralmente em nove idiomas, produzimos vários tipos de brochuras, vídeos, podcasts, gerimos um site e várias plataformas de mídia digital. Também criamos grupos de pesquisa em todo o mundo, administramos uma academia internacional onde oferecemos educação política online acessível a todos e organizamos regularmente workshops e seminários presenciais.

COMO PARTICIPAR DA REDE?

Se você estiver interessado em participar do nosso trabalho de alguma forma, não hesite em entrar em contato conosco!

Envie-nos um e-mail para:
legerinkovar@protonmail.com



A young woman with dark hair, wearing a red jacket, is shown in profile, shouting or chanting with her mouth open. She is surrounded by a crowd of people, some of whom are also wearing red jackets. The background is slightly blurred, suggesting a large gathering or protest.

A história
não acaba
enquanto a
juventude
estiver
lutando.

Lêgerin

A revista da juventude internacionalista